A LIAHONA

JULHO 1969

Neste Número

HISTÓRIA DO MORMONISMO

página 8

Mensagem de Inspiração

Franklin D. Richards
Assistente do Conselho dos Doze

Um dos traços importantes e característicos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é que ela é administrada por membros leigos da Igreja, e não por um clero remunerado.

Alguns de meus amigos não-membros me disseram que o que mais os impressionou sôbre a Igreja é que, nela, cada pessoa tem oportunidade de servir, independente de sua idade. Quão verdadeira é esta observação.

Na realidade, a Igreja é um veículo de crescimento e desenvolvimento para os filhos de Deus...

Assim, como foi dito, oportunidades emocionantes e cheias de desafios, para participar de liderança em projetos interessantes e dignos, são proporcionadas a homens, mulheres e crianças de tôdas as idades. Isto não é apenas uma grande oportunidade, mas também uma responsabilidade para todos os membros da Igreja, pois o crescimento futuro da mesma depende do desenvolvimento de líderes — líderes para a administração geral da Igreja, assim como para as missões, estacas, alas, quóruns do sacerdócio, auxiliares e outras organizações e atividades da Igreja.

Algumas vêzes achamos que temos oportunidades demais de servir e desenvolver nossos talentos, e sentimos que o sacrifício requerido de nós não é demasiado. Gostaria de sugerir, entretanto, que não considerem isto como um sacrifício, mas sim como uma grande bênção.

Jamais se esqueçam do grande desafio do Salvador para que nos tornemos perfeitos, como é perfeito nosso Pai nos céus.

Cada atividade da qual participamos nos proporciona experiências através das quais podemos desenvolver nossos talentos, contribuindo assim para o nosso objetivo de perfeição.

Desenvolvendo o espírito de dar e partilhar, alcançamos enorme paz, felicidade, alegria e satisfação, como também crescimento e desenvolvimento.

Neste Número

Mensagem de Inspiração. Franklin D. Richards 2
Quatro Marcos de Orientação. David O. McKay 3
Buscai Conhecimento... Lowell L. Bennion 5
História do Mormonismo. Doyle L. Green 8
O Evangelho Restaurado... Ensaio Pictórico 13
Jejum e Oração. Marianne C. Sharp 16
Bravo Como Um Leão. Margery S. Cannon 18
A Bíblia Vence. Jewel H. Elkington 21
Arrependimento. John H. Vandenberg 23
Cinco Lembranças... Anônimo 25
A Fôrça de Dez. Ben F. Mortensen 26
Jornada na Lua e Mensagem. G. Homer Durham 28
O Evangelho e o Respeito... Sterling R. Provost 27
Sôbre o Não se Fazer... Richard L. Evans 32

Capa

Julho é um mês de heranças — alguns países celebram a sua independência nêste mês, e foi em fins de julho que os Santos entraram no Vale do Lago Salgado.

Jerry Thompson retrata parte da herança de todos os membros da Igreja: De Ohio: Notas do Kirtland Safety Society Bank. De Illinois: Insígnia da Legião Veterana de Artilharia de Nauvoo e uma espada usada pelo profeta Joseph Smith na Legião de Nauvoo, assim como o relógio do presidente John Taylor, que deteve uma bala assassina por ocasião do martírio, e a chave da Prisão de Carthage. Dos primeiros tempos do Vale do Lago Salgado: Gaivota e gafanhotos, e um velho daguerreótipo do presidente Brigham Young. Veja "A História do Mormonismo", à pág. 8.

Vol. 22 — Julho de 1969 — Número 7

A LIAHONA

Publicação Mensal editada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editor
Hélio da Rocha Camargo

Redator
F. Máximo

Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 — V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

Estaca São Paulo
R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP

Estaca São Paulo Leste
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

Missão Brasileira
R. Henrique Monteiro, 215, CP 862
São Paulo, SP — Tel. 80-4638

Missão Brasileira do Sul
R. Dr. Flôres, 105, 14.º — CP 3071
Pôrto Alegre, RGS
Tel. 4-9748

Missão Brasileira do Norte
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
Rio de Janeiro, GB
Tel. 25-1839

Missão de Construção
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 33-6761

A LIAHONA — Orgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguêsa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e periódicos, conf. o Dec. 4857 de 9-11-1930.

Composto pela Linotipadora João A. Godoy, R. Abolição, 263. Impresso por Litográfica Comercial, R. Independência, 213, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "Unified Magazine".

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: NCr$ 6,00; para o Exterior simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: NCr$ 0,60; exemplar atrasado: NCr$ 0,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.

Quatro Marcos de Orientação

Presidente David O. McKay

Estamos vivendo numa época extremamente grave. Vemos manifestações de distúrbio por todos os lados. O mundo parece estar mais agitado do que jamais estêve. Velhos costumes e métodos ràpidamente cedem lugar a novos. Em meio aos distúrbios dêste mundo, o lar — instituição fundamental da sociedade — também está sob ameaça.

A RESPONSABILIDADE DOS PAIS

Santos dos últimos dias, a responsabilidade de salvar a sagrada instituição do lar cabe em grande parte a vós, pois sabeis que os laços de família são eternos. Não existe nada de temporário no lar de um santo dos últimos dias. Não existe qualquer elemento transitório nas relações familiares de um lar SUD. Todos os elos são eternos e devem ser conservados.

Para o santo dos últimos dias o lar é, verdadeiramente, a primeira unidade da sociedade, e a paternidade está próxima da divindade. A relação entre pais e filhos deve ser tal que permita a êsses filhos tornarem-se cidadãos ideais quando estiverem relacionados ao estado e a formas mais amplas de sociedade. O segrêdo da boa cidadania está no lar. O segrêdo para inculcar fé em Deus, fé em seu Filho, o Redentor do mundo, e fé nas organizações da Igreja, está no lar. É aí que se centraliza.

Deus conferiu aos pais a responsabilidade de instilar êstes princípios nas mentes de seus filhos. A Escola Dominical, as Associações de Melhoramentos Mútuos, a Primária e os Seminários são auxílios, estabelecidos para ajudar na edificação e orientação da juventude; mas nenhuma dessas organizações — embora constituam fatores importantes na vida de nossos jovens — pode substituir a permanência e a influência dos pais no lar.

O HOMEM QUE É VERDADEIRO

O homem que é verdadeiro para com sua virilidade não se colocará contra a verdade. Existe em cada homem algo que é divino. O homem que é honesto para aquilo que tem de divino, é honesto para com seu

Senhor e para com seus semelhantes. O homem que é falso para com aquilo que sabe ser correto, é vacilante e fraco. Êle poderá ir tão longe, a ponto de sair dos limites da luz, sair da presença divina, e ai daquele que o fizer.

Nós temos declarado ao mundo que temos o Evangelho de Cristo, que nos ergueremos contra o vício. Vamos abandonar esta causa para agradar aos homens? Ou por que desejamos "servir para aparecer", e não "servir com o coração"? Não! Permaneceremos fiéis a nós mesmos, verdadeiros para com o que há de divino dentro de nós, honestos para com a verdade que recebemos. Precisamos saber que não é bom ter o mal ao nosso redor, conduzir nossos jovens às trevas da miséria e do desespêro. Sejamos verdadeiros hoje. Tratemos de agir! Quando formos atirados na companhia de homens que procuram tentar-nos, sejamos fiéis até à morte.

Todos os homens que transformaram o mundo, foram homens fiéis às suas consciências — homens como Pedro, Tiago e Paulo, e seus irmãos, os apóstolos antigos, e também outros. Quando os líderes religiosos de Palmyra, em Nova York, voltaram-se contra o jovem Joseph Smith, pelo que êle havia visto e ouvido no bosque sagrado, êle disse, tendo no peito o testemunho do Senhor Jesus: "...Porque havia visto uma visão; eu o sabia, e compreendia que Deus o sabia, e não podia negá-lo, nem ousaria fazê-lo." (Joseph Smith 2:25.)

Joseph Smith foi fiel ao seu testemunho, até o fim. Quando aproximava-se de Carthage, em Illinois, disse àqueles que estavam com êle: "Vou como um cordeiro para o matadouro, mas estou calmo como uma manhã de verão. Para com Deus e os homens, tenho a consciência limpa." (D&C 135:4) Por que? Êle havia sido fiel ao seu testemunho e à sua virilidade. Era um homem que possuía virilidade divina.

Êste é o tipo de virilidade que os santos dos últimos dias devem possuir na defesa da verdade. Esta é a virilidade que todos nós necessitamos ao executarmos as tarefas para as quais formos chamados na Igreja, para inspirar nossos jovens com a mesma verdade; é dessa verdade que precisamos no combate a tôdas as espécies de erros.

"SÊDE FORTES"

Ter coragem para manter nossos ideais é um dos modos em que podemos manifestar atividade e merecer a aprovação de Deus. Vivemos dias em que devemos manter nossa cabeça no lugar e não nos deixarmos arrebatar de nossos ancoradouros por qualquer teoria ilusória que nos seja oferecida como panacéia para nossas adversidades presentes. A época requer uma juventude corajosa para manter no alto o padrão moral. Nesse campo poderemos encontrar a coragem mais verdadeira.

Diz-se que o heroísmo é a coragem concentrada. Mas nossos maiores heróis não são sempre encontrados no campo de batalha, embora leiamos diàriamente sôbre tais homens. Acho que também os encontramos entre nossos jovens, nos lares: rapazes e môças que se erguem destemidamente e denunciam aquilo que sabem que irá minar o caráter, a própria energia da vida, da juventude.

"Nunca houve uma época na história do mundo", disse Mark Hopkins, filósofo americano, "em que houvesse maior necessidade de heróis morais. O mundo espera por êles. A providência de Deus ordenou à ciência que trabalhasse e preparasse o caminho para êles. Para êles ela está colocando seus trilhos de ferro, e estendendo seus fios, e ligando oceanos. Mas onde estão êles? Quem assoprará, nas nossas relações civis e políticas, o fôlego de uma vida mais elevada?"

"A coisa mais importante do mundo", diz um grande cientista, "não é a descoberta de Galileu, Faraday ou outros, mas a crença na realidade dos valores morais e espirituais."

Faço um apêlo à juventude, para que seja corajosa e mantenha os valores morais e espirituais do Evangelho de Jesus Cristo. Pois afinal, "Que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? ou que dará o homem em troca da sua alma?"

(Mateus 16:26.)

Com fé em um poder dominante, na proteção pessoal, íntima, de nosso Pai (e acreditamos que êle seja exatamente isto — um Pai amante) vamos enfrentar nossas dificuldades com coragem.

"Sêde fortes, e revigore-se o vosso coração, vós todos que esperais no Senhor."

(Salmos 31:24.)

QUE CADA UM PERGUNTE A SI MESMO

Na Igreja, às vêzes, encontramos dois grupos de pessoas: os edificadores e os murmuradores. Que cada um pergunte a si mesmo: "A que grupo pertenço?"

Somos chamados para realizar tarefas. Quando a liderança do sacerdócio e das auxiliares introduz programas novos, muitos dos membros afirmam: "Sim, nós o faremos. Colaboraremos com êste nôvo programa." Mas algumas vêzes ouvimos um murmúrio, alguém que está sempre à procura de faltas, e que diz: "Não. Não podemos fazer isto." Julgando motivos incorretamente, alguns logo se identificam com Laman e Lemuel, ao invés de estarem com Nefi, cujas ações expressavam o desejo de seguir a voz de Deus. (Ver 1 Ne. 17 e seguintes.)

Observemo-nos e sejamos fiéis aos exemplos dados por nossos líderes. Às vêzes ouvimos a advertência: "Não falem contra as autoridades." O que significa isto? Significa — "não sejam murmuradores." Falar contra a liderança do sacerdócio e das auxiliares é uma das coisas mais venenosas que pode ser introduzida no lar de um santo dos últimos dias. Por que os líderes são chamados para ocupar certas posições? Para benefício próprio? Não, é impossível apontar um só exemplo nesta Igreja em que uma pessoa foi chamada para seu benefício pessoal. Quando se faz um chamado, é com o propósito de abençoar alguém, alguma classe, ou a humanidade em geral. Esta é a missão de cada membro, desde o Presidente da Igreja até o último dos conversos. A posição de cada um tem o propósito de edificar, abençoar, estabelecer a retidão, a pureza e a virtude entre os homens.

Buscai Conhecimento ...pelo Estudo e pela Fé

Lowell L. Bennion

"... nos melhores livros procurai palavras de sabedoria; procurai conhecimento, mesmo pelo estudo e pela fé." D&C 88:118

O corajoso Elias, no monte Carmelo, bradou a antiga Israel: "Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o. Porém o povo nada lhe respondeu." (Reis 18:21.) A razão é evidente, pois Elias oferecera ao povo a única alternativa existente — servir a Baal ou ao Deus vivo.

Para a moderna Israel, a escolha é acentuadamente diferente: herdamos todos os vícios e virtudes, tôda a insensatez e sabedoria dos tempos. A vida jamais foi tão rica e promissora, repleta de maravilhas, e ao mesmo tempo infinitamente complexa, incerta e instável. Os jovens SUD, alimentados pela fé de seus pais, e colocados face a face com a explosão de conhecimentos e os valores mutáveis de uma era secular, têm o dever de formar uma filosofia de vida adequada e pessoal. Onde podem êles encontrar a essência dessa filosofia?

Dois grandes legados foram as raízes principais que nutriram a vida e o pensamento da civilização ocidental — a fé judaico-cristã e o raciocínio dos gregos. Dos profetas hebreus, e de Jesus e Paulo, adquirimos fé em um Deus pessoal e vivo, revelador da verdade, que exige justiça e misericórdia nas relações humanas. Muitas das nossas mais caras instituições — govêrno pela lei, democracia, valor do indivíduo, compaixão pelos fracos, igualdade de acesso a bens e direitos — vieram dos profetas.

Os filósofos gregos, ao contrário dos profetas, não eram dedicados à sua fé religiosa; antes, foram dos primeiros a descobrir a grande capacidade do homem para pensar e criar. Produziram literatura, escultura e arquitetura inigualáveis, e conseguiram examinar a si mesmos e ao universo com perspicácia e objetividade. Êles estabeleceram as bases da filosofia e da ciência moderna.

E assim, dos judeus e dos cristãos, recebemos o "desejo de crer" e "fome e sêde de retidão", e dos gregos em particular, uma atitude mental inquiridora, pesquisadora e crítica. William James chamou as pessoas religiosas de "mentes brandas", e os filósofos e cientistas de "mentes duras". O jovem SUD deve ser ambos — proeza que não é fácil de realizar.

Na restauração existe um notável casamento da fé e da razão. É de se esperar que o Evangelho restaurado reviva a fé em um Deus vivo, em seu Filho

Jesus, e na dignidade do homem como filho de Deus, e renove e sublinhe a ênfase bíblica e profética dada à retidão. E isso aconteceu. Mas algo mais foi acrescentado, algo aproximado do compromisso grego com a razão. O Evangelho restaurado não era para ser dado ao homem, imóvel e completo como um pacote de frutas congeladas, tirado do congelador. Antes, seria como a água fresca e corrente, que verte de uma fonte na montanha. A religião, como a arte e a ciência, seria uma revelação contínua e crescente de Deus, em resposta às buscas e necessidades do homem.

Joseph Smith também aprendeu que nem todo conhecimento deveria vir através de escrituras e profetas. "...os homens devem se ocupar zelosamente numa boa causa, e fazer muito de sua própria e livre vontade... Pois neles está o poder para assim fazer, no que são seus próprios árbitros..." (D&C 58:27-28.) O primeiro edifício religioso dos santos dos últimos dias transformou-se num templo de aprendizado, assim como em casa de adoração, onde os homens deveriam procurar conhecimento pelo estudo e pela fé, e sabedoria nos melhores livros. O currículo incluiria astronomia, geologia, história, ciência política, eventos atuais, línguas e teologia. (D&C 88.)

As revelações modernas deixaram lugar para o raciocínio, e encorajaram-no. Grandes máximas levaram muitos jovens mórmons a estudarem em casa e fora: "A glória de Deus é inteligência." "O homem não pode ser salvo mais depressa do que adquire conhecimento." "Todos os reinos têm uma lei." "Há uma lei irrevogàvelmente decretada."

Escritores mórmons — especialmente Brigham Young, B. H. Roberts, James E. Talmage e John A. Widtsoe — deram ênfase ao caráter racional do Evangelho restaurado, como ilustra o título de uma das primeiras obras do Dr. Widtsoe: **Uma Teologia Racional** (A Rational Theology).

Esta combinação da fé e da razão no Evangelho restaurado, tão consistente com nossos interêsses e necessidades, é também fonte de conflito na Igreja. Incentivados por sua fé a buscar conhecimento, os jovens descobrem que a vida escolar algumas vêzes abala as próprias bases de sua fé judaico-cristã-sud. A Escola Superior Ricks, a Universidade Brigham Young, os institutos de religião e seminários, foram estabelecidos para auxiliar os estudantes a manterem a fé enquanto fazem seus estudos seculares. Mas, em última análise, cabe a cada indivíduo encontrar seu caminho, e realizar uma união compatível entre os mundos da fé e da razão.

Não é surpreendente que os estudantes encontrem dificuldade em harmonizar sua fé, nascida da religião, com os processos racionais do pensamento secular. A linguagem, o espírito, a ênfase de cada é diferente. A separação entre os dois pode parecer enorme. Alguns jovens SUD abandonam sua religião em favor de seus novos interêsses intelectuais; outros viram as costas à cultura, por mêdo de perderem sua preciosa fé. Mas há aquêles que aprendem a viver apreciando genuìnamente a fé e a razão. Uma certa dose de conflito é sadia, se conduz a uma busca autêntica, e à provação da própria fé.

O santo dos últimos dias que chega a conhecer a essência e o espírito do Evangelho restaurado, não tem alternativa, a não ser incluir tanto a fé quanto a razão em sua visão da vida. Nossa religião nos ensina um profundo respeito pelo coração confiante e pela mente perquiridora. A situação precária do homem como transeunte, criatura insegura rodopiando impotentemente através do espaço, exige fé ou desespêro, e seu amor criativo pela vida realiza-se melhor através da fé. Além do mais, não usar plenamente aquilo que é a maior característica da natureza de cada pessoa — sua mente — é negar a própria natureza como ser humano e filho de Deus. A vida é suficientemente grande para reagir a tudo, e acomodar tudo o que podemos sentir e saber través da mente e do coração. Concluiremos nossas reflexões sugerindo alguns modos de se conseguir isto.

1. **Deve-se respeitar as diferenças entre a fé e a razão, sem esperar que elas nos apresentem visões idênticas da vida.** Usando a analogia do casamento, um casal comete um grande êrro quando espera que o homem e a mulher sintam, pensem e ajam da mesma forma. Ambos são humanos, mas suas perspectivas e funções são apreciàvelmente diferentes, e um deve completar o outro, ao invés de exigir as mesmas coisas de ambos. Assim é com a filosofia e a ciência de um lado, e a religião do outro. Ilustraremos êste ponto para torná-lo mais claro.

A geologia é o estudo da terra — um estudo preciso, metódico, experimental e completo das relações de causa e efeito com referência à formação e história da terra. Milhares de livros e artigos científicos relataram essa história com minuciosos detalhes — os processos da criação.

A religião também está interessada na terra, mas de um ponto de vista diferente. As escrituras nos oferecem poucos detalhes da criação. Não nos dizem, por exemplo, qualquer coisa sôbre as causas e efeitos da erosão. Na criação, em Gênesis, a ênfase está na declaração de que "no princípio criou Deus os céus e a terra...", e de que Deus disse "e apareça a porção sêca...", e de que êle disse "Façamos o homem à nossa imagem..." (Ver Gên. 1) No Livro de Moisés, Capítulo 1, é apresentada aquela visão geral das criações sem fim do Pai e do Filho: "mundos sem número"... não em linguagem de astronomia, física, química ou geologia — mas sim para inspirar fé no propósito divino da criação: "proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem."

As referências escriturísticas à natureza são sempre feitas com finalidades religiosas — glorificar o Criador e criar confiança nêle e respeito para com êle e sua lei. Leia os Salmos 8, ou 23, os capítulos 38 a 41 de Jó, ou a Seção 88 de Doutrina e Convênios, e perceberá esta ênfase e êste propósito religiosos. A ciência descreve a natureza em liguagem objetiva e impessoal; a religião usa uma linguagem mais poética — idealista, inspiradora, carregada de significação — para levar-nos a acreditar em Deus, honrar seu nome e descobrir o significado da vida.

Existem, naturalmente, algumas coincidências entre a ciência e a religião. A Palavra de Sabedoria, por exemplo, apresenta fatos descritivos, como: "o tabaco

não é para o corpo..." Mas isto foi dado como uma declaração simples e direta do Senhor, e não expressa em linguagem científica ou verificada por experiências científicas controladas. Todo o tom da revelação é religioso.

Quase tôdas as Escrituras nos foram dadas por homens que viveram anteriormente à era científica, que se expressavam em linguagem de fé e moralidade, e não na linguagem descritiva e precisa de um livro escolar. As Escrituras nos falam sôbre as nossas relações com Deus e Cristo, e sôbre nossas responsabilidades morais para com nossos semelhantes; elas tratam da fé, da moralidade e da fraternidade. Fazemos-lhes uma grande injustiça tentando tirar geologia e zoologia do Gênesis, astronomia dos Salmos, física de Doutrina e Convênios, ou fisiologia do Livro de Jonas.

A religião não é anti-científica, anti-filosófica e nem irracional; é supra-empírica e supra-racional. Leva-nos além do conhecimento científico, procurando dar sentido à vida, no seu todo, definindo o propósito e o lugar do homem na existência total. Ajuda o homem a sentir-se à vontade na terra e no universo — enquanto que, de um ponto de vista puramente científico, êle pode sentir-se, como disse um biólogo: "como uma partícula infinitesimal de nada, à beira da eternidade."

2. **Tanto a ciência quanto a religião dizem ao homem para andar em humildade**. Em ambas as áreas, o desconhecido excede grandemente o conhecido, pois a perspectiva do homem está prêsa à terra.

Isaac Newton, um dos grandes gênios da ciência moderna, disse: "Eu não sei o que possa parecer ao mundo, mas a mim mesmo pareço ter sido apenas um menino brincando na praia, e divertindo-me em encontrar, aqui e ali, um seixo mais liso ou uma concha mais bonita que o normal, enquanto que o grande oceano da verdade permanece oculto diante de mim." (**Memoirs of Newton,** de Brewster, Vol. 2, Capítulo 27.) Todos os cientistas dignos dêsse nome sabem que suas conclusões são tentativas, que serão substituídas por visões mais amplas as quais mudarão o significado de suas opiniões particulares atuais. Êle investiga a ciência porque ela é fértil, e lhe possibilita, de certa forma, enfrentar a vida que é sua.

A religião incentiva o mesmo espírito de humildade. O Senhor respondeu a Jó com estas palavras: "Quem é êste que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento?" (Jó 38:2.) E o rei Benjamin declarou o óbvio quando disse: "...acreditai que o homem não pode entender tôdas as coisas que o Senhor pode." (Mosíah 4:9). Isaías disse: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos que os vossos caminhos e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos. (Isaías 55:8-9.) É lógico que Paulo tenha concluído: "Porque agora vemos com em espêlho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido. (1 Cor. 13:12.)

Embora o Evangelho nos seja dado através de revelações do Pai, do Filho e do Espírito Santo, êle tem que ser conferido "na sua fraqueza (dos homens), conforme a sua linguagem, para que alcançassem compreensão." (D&C 1:24). O homem vê como homem, não como Deus. Portanto, é apropriado que sejamos modestos, assim como audaciosos, e que conservemos a mente aberta, sempre pesquisando, pois podemos aprender com nosso Criador por tôda a eternidade.

3. **Deixe margem para mudança e desenvolvimento em seus pontos de vista tanto científicos quanto religiosos.** Já comentamos acima, a natureza experimental das descobertas da ciência, e ainda quão pouco é conhecido daquilo que há para ser conhecido. O mesmo acontece com a religião. O Evangelho abraça princípios eternos, mas o seu significado pleno só é conhecido da Deidade. Nenhum de nós pode compreender a natureza plena de Deus, a liberdade, o amor, o arrependimento, ou qualquer outro princípio. Eis o porquê da grande necessidade de se manter a mente aberta em questões tanto da fé quanto da razão. Minha idéia de honestidade é mais ampla hoje do que quando eu era criança, e pensava nela apenas em têrmos de mentir e roubar. E isto é verdadeiro em relação a todos os princípios. Eu ainda estou tentando compreender o amor, e como melhor expressá-lo aos meus amigos e "inimigos", e como aplicar êste princípio em negócios, direitos civis e relações internacionais.

Foi Goethe quem disse, em seu imortal **Fausto:** "O que receber como herança de seu pai, conquiste-o novamente, para realmente possuí-lo." Cada geração de santos dos últimos dias, assim como cada indivíduo, deve aprender o Evangelho por si mesmo, em seu tempo, nas suas próprias circunstâncias. Para cada um o Evangelho deve criar raízes, desenvolver-se até transformar-se em árvore, criar botões, florescer e frutificar.

4. **Seja leal à fé e à razão, às tradições hebraicas e às gregas.** O Evangelho de Jesus Cristo — a fé e a moralidade dos profetas e do Salvador — impôs o seu valor em nossas vidas. O Salmo Vinte e Três nos dá esperança e confôrto contra as tragédias da existência humana. Fé, arrependimento, confraternidade em Cristo através do batismo e as bem-aventuranças, nos dão um esbôço da vida como a devemos viver, esbôço que provou ser verdadeiro, bom e belo. O Evangelho é racional, mas ao mesmo tempo nos ensina a confiança da fé.

A ciência também impôs-se em nossas vidas. Possibilitou-nos tomar em conta as leis e fôrças da natureza, eliminando assim muitos temores, superstições e doenças, salvando e prolongando a vida. Deu-nos um método e um espírito de aprendizado que descortinou amplas visões da vida, da maneira mais fascinante.

Uma vez que a fé e o estudo provaram ser tão proveitosos, por que abdicar de um em favor do outro? Por que não sustar julgamentos em áreas de conflito? Por que não usar a fé e a razão na religião e em nosso trabalho acadêmico, quando procuramos saber a verdade?

A vida satisfatória é aquela inspirada no amor, sustentada pela fé, e guiada pelo conhecimento. Que possamos ter a sabedoria de tentar alcançá-la pelo estudo e pela fé.

História do Mormonismo

Doyle L. Green

A história da restauração do Evangelho e do restabelecimento da Igreja de Jesus Cristo, o testemunho e a sinceridade dos missionários, a mensagem do Livro de Mórmon, e a refrescante veracidade da palavra de Deus revelada, despertaram o interêsse de um número cada vez maior de pessoas. E embora a simples menção desta nova Igreja tenha feito com que muitas sobrancelhas céticas se erguessem, algumas almas honestas e pesquisadoras foram apanhadas na rêde do Evangelho. E vieram — um de uma cidade, dois de uma família — pedir o batismo. Por todos os Estados Unidos, no Canadá, e mais tarde na Inglaterra e por todo o mundo, desenvolveu-se o proselitismo.

A entrada de muitos no reino de Deus foi acompanhada do forte desejo de unirem-se ao corpo da Igreja. Assim, abandonaram seus lares e seguiram o Profeta e seu povo.

À medida que a Igreja crescia, também crescia a oposição, e o centro de atividades passou de New York para Ohio, de lá, através do Rio Mississipi para as fronteiras do lado Oeste dos Estados Unidos — Condado de Jackson, em Missouri. A fronteira, pensaram os líderes do nôvo movimento, seria o lugar ideal para a reunião dos membros da Igreja. Ali comprariam terras, estabeleceriam seus lares e construiriam uma cidade.

Os missionários começaram partilhar a mensagem do Evangelho primeiramente nos Estados Unidos, depois no Canadá, Europa e Ilhas dos Mares do Sul, a seguir, em todo o mundo.

Mas isso não iria acontecer. Os novos colonizadores e os antigos não tinham muito em comum. A economia do Missouri, como a do Sul, baseava-se na escravatura. A opressão de qualquer ser humano opunha-se diretamente à crença básica mórmon de liberdade para todos os homens. "Os homens existem para que tenham alegria", ensinava o Profeta.

Na vinda de tanta gente para o Estado, e especialmente para um só condado, os antigos colonizadores viram uma perturbação quase certa do equilíbrio do poder político. Além disso, as crenças e doutrinas dos recém-chegados eram tão estranhas e diferentes que causaram grande alarme. Os mórmons tinham a audácia de declarar que Deus, um ser amoroso com corpo, partes e paixões, cuja obra e glória era propor-

cionar imortalidade e vida eterna ao homem, havia, literalmente, falado novamente ao homem, restaurado o Evangelho em sua plenitude e restabelecido sua Igreja nos moldes da organização que Jesus estabelecera quando estivera na terra. Acreditavam que a Trindade era composta de três indivíduos separados e distintos. Os homens — todos os homens — segundo os seus ensinamentos, eram real e literalmente filhos e filhas de Deus, em cuja semelhança haviam sido criados.

Êsses novos e sublimes conceitos de Deus e do homem eram completamente heterodoxos e estavam além da compreensão de muitos, que encaravam tais ensinamentos quase como heresias.

Incompreensão, desconfiança e preconceito explodiram em violência. Apelos ao governador e aos tribunais foram infrutíferos. Tentativas para estabelecerem-se pacìficamente em outros condados falharam. Finalmente, os mórmons abandonaram o Missouri sob uma ordem de "extermínio" do governador.

Em Illinois, por um breve período, a agitada Igreja encontrou abrigo. Na nascente das corredeiras de Des Moines, onde o poderoso Rio Mississipi faz uma curva para o Oeste, Joseph Smith comprou para o seu povo, em 1839, diversas centenas de acres de terra, um deserto ainda não aproveitado, chamado Commerce. Mudando o nome do local para **Nauvoo,** que significa "a bela", o povo começou a trabalhar novamente para construir casas, igrejas e escolas.

Em começos de 1843 a população da "Cidade dos Santos" estava entre doze e dezesseis mil pessoas. Fôra estabelecido um govêrno e outorgada uma carta constitucional. O desenvolvimento continuou até que Nauvoo transformou-se na maior cidade de Illinois. Os visitantes elogiavam a beleza da comunidade, a operosidade e sobriedade de seus habitantes. Progredia o trabalho de construção de um lindo templo no qual as ordenanças sagradas, como o casamento, seriam realizadas. O casamento, segundo os preceitos da Igreja restaurada, era ordenado por Deus, e se realizado adequadamente por homens que possuíam autoridade, duraria por tôda a eternidade. "Até que a morte vos separe" não teria lugar nas cerimônias de casamento dos santos dos últimos dias.

Também no seu templo êles executariam trabalho por procuração para os seus ancestrais mortos e que talvez não tivessem tido a oportunidade de ouvir a verdade enquanto na terra, demonstrando assim sua crença de que Deus não faz acepção de pessoas, mas que todos os homens, de tôdas as épocas, têm uma chance de alcançar a exaltação na vida futura.

Mas os mesmos problemas que haviam atormentado a Igreja em outros lugares, começaram em Nauvoo. Desacordos políticos, juntamente com evidências cada vez maiores de intolerância e perseguição, cêdo convenceram o Profeta de que as tragédias de antes iriam repetir-se.

Em 20 de fevereiro de 1844, êle escreveu em seu diário: "Instruí os Doze Apóstolos para que enviem

Nesta pintura de Edward Grigware, a bela cidade de Nauvoo é incendiada enquanto seus habitantes, salvando o que podem dos seus lares abandonados, fogem para os sertões do oeste.

uma delegação a fim de investigar localidades na Califórnia e em Oregon, procurando um bom lugar para onde possamos nos mudar após o término da construção do templo, e onde possamos edificar uma cidade, um dia, e ter um govêrno próprio, indo para as montanhas onde o demônio não nos possa desenterrar, vivendo num clima saudável onde possamos ficar tanto quanto o desejemos." No Leste êle sòmente podia ver núvens escuras e ameaçadoras, mas muitas vêzes afirmou que havia "luz no Oeste".

A hostilidade e a oposição à Igreja desenvolveram-se tão ràpidamente, entretanto, que a expedição escoteira jamais foi enviada. Como a tempestade se desencadeasse com violência crescente sôbre Nauvoo, Joseph Smith e seu irmão, Hyrum, atravessaram o Rio Mississipi indo para o território de Iowa, onde estavam em segurança. Mas o exílio foi de pouca duração, pois muitos instaram Joseph a retornar, entregar-se e enfrentar a prisão e o julgamento, sob a acusação de traição que havia sido levantada contra êle.

Joseph não temia um julgamento. Êle havia sido prêso, sob falsas acusações, umas quarenta e seis vêzes anteriormente, mas jamais havia sido condenado.

Corria o inverno de 1846 quando os primeiros mórmons exilados deixaram seus lares em Nauvoo, cruzaram em barcaças o rio Mississipi, e iniciaram uma jornada de quase três mil quilômetros em direção aos áridos vales das montanhas rochosas. Pintura de Linn Fausett.

Desta vez, a despeito da promessa de proteção de funcionários públicos, de alguma forma êle sabia que não escaparia à fúria da multidão, que parecia acreditar que a morte de Joseph Smith significaria o fim da Igreja Mórmon.

"Se a minha vida não tem valor para os meus amigos", êle disse aos seus companheiros, "não tem valor para mim." Atravessando novamente o rio, dirigiu-se para Carthage, onde o governador — e uma multidão sedenta de sangue — estavam esperando. Ao se aproximarem da cidade Joseph disse:

"Eu vou como o cordeiro ao matadouro; mas estou calmo como uma manhã de verão; para com Deus e os homens, tenho a consciência limpa. Morrerei inocente e ainda se dirá de mim — Foi assassinado a sangue frio." Isto aconteceu no dia vinte e quatro de junho de 1844. Três dias mais tarde a turba invadiu a prisão de Carthage onde Joseph e seu grupo havia sido colocado por questões de segurança, e brutalmente assassinou-o, assim como ao seu irmão. Joseph Smith, o profeta, selou seu testemunho com o próprio sangue.

Aquêles que acharam que a morte de Joseph poria um fim à Igreja estabelecida através dêle, ficaram profundamente desapontados. Embora muitos corações estivessem amargurados, não houve pânico em Nauvoo após o martírio. "Acalmai-vos e sabei que o Senhor é Deus" foi a idéia que guiou o povo. O Conselho dos Doze Apóstolos, tendo Brigham Young como presidente, assumiu a liderança. A organização e funções da Igreja continuaram quase que sem interrupção. O Senhor havia preparado bem para a morte do Profeta.

A morte de Joseph também não pôs fim à perseguição. Os preconceitos continuaram a endurecer o coração do povo. A carta constitucional da cidade de Nauvoo foi revogada. Illinois exigiu que os mórmons abandonassem o Estado.

Que podiam fazer? Para onde podiam ir? Abandonar sua religião, não era possível! Ela significava mais do que casas ou mesmo a vida para êles. Negar seus testemunhos? Impossível! Como poderiam repudiar o que sabiam ser verdadeiro?

Havia sòmente uma resposta. Seguiriam o plano do seu profeta martirizado. Iriam para o Oeste, para as Montanhas Rochosas! Lá poderiam construir lares que não seriam queimados, templo que não teriam de abandonar. Lá poderiam adorar a Deus como desejassem!

O ilustre Thomas Drew, governador de Arkansas, escreveu em uma carta aos líderes da Igreja:

"Eu ... concordo entusiàsticamente com os srs. sôbre o plano de migração proposto ... assim colocando sua comunidade além do alcance de disputas, até que, pelo menos, os srs. tenham tido tempo e oportunidade para testar a praticabilidade de seu sistema, e para desenvolver as vantagens superiores pretendidas do mesmo no melhoramento das condições da raça humana, aumentando as bênçãos da liberdade civil e religiosa... Caso os santos dos últimos dias mudem-se para Oregon, levarão consigo a boa vontade dos filântropos e as bênçãos de todos os amigos da humanidade. Se estiverem errados, seus erros serão diminuidos por diferentes graus de concessões, e se certos, essa migração fornecerá uma oportunidade para tornar o fato conhecido a todo o mundo civilizado, na época devida."

Pediram seis meses. Tempo sòmente para dispor de suas propriedades, tempo para construir carroções e comprar cavalos e bois para puxá-los, tempo para conseguir um suprimento de mercadorias que lhes permitisse atravessar mil e quinhentas milhas de planícies e campinas.

Mil e quinhentas milhas até os vales das montanhas! Colocariam meio continente entre êles e seus perseguidores! Sua trilha os levaria quinhentas milhas através do território parcamente colonizado de Iowa, depois atravessariam o Rio Mississipi penetrando nas terras dos índios Omaha, Sioux e Ute — mil e seiscentos quilômetros de terra sem trilhas, além da orla da civilização.

Pedir seis meses não lhes parecia muito. Mas as turbas estavam impacientes e a violência crescia. Além disto, ouviam-se rumores de que o govêrno federal talvez interviesse e frustrasse seus planos. Não partir poderia significar destruição. Isto êles não podiam deixar acontecer. A Igreja tinha de ser protegida para não ter o mesmo fim de seu Profeta. Oficinas e forjas mantinham suas atividades vinte e quatro horas por dia.

Foi no meio do inverno, frio e tempestuoso, em 4 de fevereiro de 1846, que os primeiros exilados despediram-se de seus lares e atravessaram o rio para enfrentar as intempéries e os selvagens.

Logo a travessia do rio começou a ser feita dia e noite. Pelo dia quinze o largo rio Mississipi estava congelado tão sòlidamente que uma grande parte do grupo pôde atravessá-lo por sôbre o gêlo. Em fins de abril quase todos os mórmons tinham deixado a cidade.

Imagine-se os problemas envolvidos na mudança de uma cidade inteira para o deserto. A maioria dessas pessoas não estava acostumada aos rigores da fronteira. Seus perseguidores esperavam que perecessem nas planícies.

Como tiveram que sair às pressas, muitos dêles não estavam bem preparados para a viagem. Durante a primeira noite que acamparam em Sugar Creek, a dezesseis quilômetros de seus confortáveis lares, nove bebês nasceram nos carroções, ou em abrigos toscos que haviam sido levantados para fornecer alguma proteção contra o frio e a tempestade.

Mas o acampamento logo foi organizado. Os rostos voltavam-se para o Oeste, e cada dia algum progresso era feito através da neve profunda do inverno, e das chuvas e lama da primavera. As orelhas congeladas, os pés ulcerados pelo frio, e as inenarráveis tribulações da jornada pareciam triviais comparados à perseguição que ficara para trás. À noite, após um dia de trabalho penoso, os santos raspavam a neve e dançavam quadrilhas até que as campinas hostis reverberassem com os sons de sua banda de música, suas palmas e seus passos de dança.

"Plante para que outros possam colhêr!" passou a ser o lema. Quando a primavera transformou-se em verão, centenas de acres de terra ao logo da trilha estavam lavrados e plantados pelos primeiros grupos da coluna infindável de exilados. Os grupos subseqüentes cultivavam, e quando a safra estava madura, eram ainda outros que a colhiam.

Entrementes, os Estados Unidos haviam entrado em guerra com o México. Em 26 de junho chegaram ao acampamento alguns soldados da cavalaria trazendo uma "Circular para os Mórmons", na qual eram convidados a fornecer quinhentos voluntários que deveriam unir-se ao exército e marchar para a Califórnia.

Os líderes da Igreja estavam tentando conseguir auxílio do govêrno, e embora isto estivesse longe de ser o tipo de auxílio que teriam escolhido, Brigham Young viu nisto uma introdução à paz, e uma oportunidade para demonstrar ao povo dos Estados Unidos que os mórmons eram leais ao seu país. Assim, mesmo sabendo que a ausência dêsses homens acrescentaria novas cargas a um povo já profundamente oprimido, fazendo com que muitas famílias enfrentassem as planícies sem o auxílio dos pais e dos rapazes, Brigham Young encorajou os homens a se alistarem e uma companhia de quinhentos homens foi formada.

A história da marcha do Batalhão Mórmon através de Kansas e das regiões inexploradas do atual Nôvo México, Arizona e Califórnia, uma jornada considerada uma das mais longas marcha de infantaria da história, é fascinante. Eventualmente, os homens voltaram para suas famílias nos vales das montanhas.

No outono de 1846 cêrca de 15.000 pessoas, com 3.000 carroções, 30.000 cabeças de gado, grandes rebanhos de ovelhas, e muitos cavalos e bois estavam no Rio Missouri. Ali, decidiram, passariam os meses frios, e então começariam a trabalhar para tornar seus Alojamentos de Inverno (Winter Quarters) o mais confortável possível. No início de janeiro, cêrca de mil casas, muitas das quais não passavam de abrigos, haviam sido construídas.

Foi um inverno duro. Desnutrição, roupas e abrigos inadequados, a aparição de uma doença grave, uniram-se para tirar muitas vidas. Testificando êste fato existe um cemitério bem cuidado nas colinas de Florence, em Nebraska, onde seiscentos dêles foram enterrados.

A primavera chegou, finalmente, e os "acampamentos de Israel" novamente seguiram para o Oeste, tendo à frente um grupo liderado por Brigham Young e os Doze apóstolos, que indicava o caminho.

Esta pintura mostra o vadeamento do Rio Platte, no Estado de Wyoming.

Foi em fins de julho que êstes pioneiros entraram no vale do Grande Lago Salgado, que Brigham Young declarou ser o lugar escolhido para que êles se estabelecessem. As dúvidas de Jim Bridger de que o milho não poderia ser cultivado na Grande Bacia, não desencorajaram o intrépido líder. Solicitações de algumas das pessoas, para que seguissem para a Califórnia, não tiveram qualquer efeito.

No Pico Ensign, de onde se descortina a cidade do Lago Salgado, do qual um pequeno grupo de homens viu o vale em 26 de junho, Brigham Young declarou:

"Agora, irmãos, organizem seus grupos exploradores de forma a estarem a salvo dos índios; explorem onde desejarem, e voltarão aqui tôdas as vêzes para dizer que êste é o lugar certo."

Mais tarde êle declarou que "sabia no templo de Nauvoo que poderíamos cultivar grão aqui", pois havia visto o vale em uma visão, um ano ou mais antes de entrarem nele.

"Nos dias de Joseph", êle escreveu, "nós nos sentamos por muitas horas conversando sôbre êste lugar... Não quero que os homens pensem que tive qualquer coisa com o fato de nos termos mudado para cá; foi pela providência do Todo Poderoso que o fizemos, pelo poder de Deus... Eu jamais poderia ter feito tal plano."

Poucas horas após o grupo vanguardeiro ter chegado ao vale, escolheram um pedaço de terra e começaram a prepará-lo para o plantio. Quando a terra provou ser tão sêca e dura que não se podia trabalhar nela, êles represaram um dos riachos que corria das montanhas e inundaram a terra ressequida — o que foi o início da irrigação moderna na América do Norte.

Na verdade, não tinham tempo a perder. A estação já estava no fim, e Jim Bridger havia avisado sôbre as geadas prematuras nas montanhas. A plantação foi apressada, e em poucos dias já cobria um certo número de acres de terra.

Na época do inverno a população do vale era de mais ou menos 2.100 almas. Nesse meio tempo, haviam surgido escolas, a cidade havia sido iniciada segundo planejamento, campos e jardins haviam sido cercados com madeira das montanhas, um local para o templo havia sido selecionado, um forte de dez acres feito com toras pesadas e argila sêca ao sol havia sido construído, e muitas casas de tora e barro haviam sido edificadas. Brigham Young e dois grupos de homens haviam voltado para Winter Quarters para guiar outras pessoas até o vale no ano seguinte. Não havia lugar para indolentes entre os mórmons.

Raízes de lírio, que se tornou a flor do Estado de Utah, juntamente com cardos e outras plantinhas, faziam parte da parca alimentação. O trigo, o milho e as batatas tinham que ser poupados para serem replantados.

Na primavera, cêrca de cinco ou seis mil acres de terra foram preparados e plantados. Junho trouxe a promessa de uma boa colheita, mas quando o grão estava começando a soltar, bandos de gafanhotos devastadores, demônios de destruição, invadiram os viçosos campos. Frenèticamente, os novos colonizadores, cuja existência dependia dêsses poucos acres de plantação, lutaram para expulsar os invasores com todos os meios ao seu alcance — com varas, com pás, vassouras, com valas, com fogo e com água. Mas êles continuavam chegando, "como uma torrente de água descendo das montanhas". Os pioneiros acharam-se impotentes diante dêles.

Mas êste povo fiel, que atravessara um continente para encontrar liberdade religiosa, não foi esquecido no momento de necessidade. Em seu socorro chegaram grandes bandos de gaivotas, voando em círculos e gritando, as quais atacaram a morte negra com vigoroso apetite. E isto continuou dia após dia, até que se tornou quase impossível encontrar-se um gafanhoto no vale.

Hoje a gaivota é o pássaro do Estado de Utah. Na praça do Templo, na cidade do Lago Salgado, existe um majestoso monumento encimado por duas gaivotas, erigido em honra "à misericórdia de Deus para com os pioneiros mórmons".

Brigham Young guiou mais 2.500 pessoas ao vale, naquele outono, e o trabalho de colonização continuou. Em 1850, a população do território foi estimada em 15.000 pessoas; em 1856, em mais de 76.000. Cêrca de 85.000 emigrantes seguiram a trilha, entre 1847 e a chegada da estrada de ferro, em 1869. Muitos dêles caminharam a distância tôda, puxando ou empurrando carroças. Muitos deixaram filhos, espôsas ou maridos em sepulturas rasas, ao longo do caminho. Sòmente dois grupos, que partiram tarde e foram apanhados pelas neves e tempestades prematuras, perderam 222 pessoas, mais de uma em cada cinco.

Do primeiro povoado junto ao largo salgado, os colonizadores espalharam-se em tôdas as direções como os raios de uma roda, sob a liderança inspirada de Brigham Young, considerado por muitos como um dos maiores colonizadores da história da América. Os colonizadores contribuiram grandemente para o estabelecimento e crescimento não sòmente de Utah, mas também do Arizona, de Nevada, Califórnia, Idaho, Wyoming, Montana e Colorado. Até mesmo o México e o Canadá, onde foram estabelecidas colônias, foram tocados pela influência mórmon.

Edificar o Oeste não foi fácil. Havia índios para alimentar ou contra os quais lutar, desertos para dominar, rios para utilizar e irrigação e lavoura sêca para desenvolver; havia casas, escolas, templos, estradas, pontes e moinhos para construir; havia conversões a fazer e ainda muito preconceito a vencer.

Mas as adversidades tornam os homens fortes, e, cumprindo a predição do governador Drew, no Oeste os santos dos últimos dias tiveram "tempo e oportunidade para experimentar a praticabilidade" de sua religião.

O número de membros da Igreja, atualmente, é de mais de 2.500.000, com a concentração maior nos Estados do Oeste, mas com uma representação significativa em cada um dos estados dos Estados Unidos, Canadá, México, América Central e América do Sul, Europa, Japão, Austrália, Nova Zelândia, ilhas do Pacífico, África do Sul, Oriente Médio e Extremo Oriente.

As capelas da Igreja ficam lotadas aos domingos. Durante a semana, as dependências para estudo, trabalho e recreações fervilham com atividades — Primária para as crianças, AMM para os jovens, atividades especiais para as senhoras, para os homens, e para tôda a família — eventos esportivos e atléticos, escotismo, bailes, jantares, música, teatro e reuniões de oratória.

Os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias têm-se distinguido na religião, nos negócios, na ciência, nas artes, na educação, e nos serviços públicos, demonstrando as palavras do Salvador: "Pelos seus frutos os conhecereis."

A luz que o profeta Joseph Smith viu no oeste brilha intensamente.

Ensaio Pictórico

O EVANGELHO RESTAURADO NAS ILHAS BRITÂNICAS

CHEGAM OS PRIMEIROS MISSIONÁRIOS

Os primeiros missionários SUD designados para as Ilhas Britânicas, sete ao todo, chegaram a Preston, na Inglaterra, durante a agitação das eleições, no dia 22 de julho de 1837, e regozijaram-se à vista de uma bandeira política desenrolada sôbre suas cabeças: "A Verdade Prevalecerá". Isto aconteceu dois dias após a sua chegada em Liverpool, e 46 dias depois de o profeta Joseph Smith ter-se inclinado para élder Heber C. Kimball, do Conselho dos Doze, em Kirtland, Ohio, e dito: "Irmão Heber, o Espírito do Senhor sussurrou-me: 'Deixe que o meu servo Heber vá para a Inglaterra e proclame o meu Evangelho, e abra a porta da salvação àquela nação'."

OS PRIMEIROS BATISMOS NA INGLATERRA

Apenas dez dias depois da chegada dos missionários, nove conversos foram batizados no Rio Ribble, em Preston. O interêsse público havia sido despertado de tal forma que houve "uma afluência de entre sete e nove mil pessoas" que se alinharam nas margens para presenciar os primeiros batismos europeus em uma Igreja que proclamava a visita de anjos e a restauração de registros sagrados, escritos por antigos profetas do continente americano.

O EVANGELHO RESTAURADO NA ESCÓCIA

Em 1840 o élder Orson Pratt foi para a Escócia para coordenar os esforços dos élderes que já estavam lá e viajou até Edimburgo, onde escalou o Arthur's Seat, montanha majestosa e acidentada, acima dos castelos de Holyrood e Edimburgo. Lá suplicou ao Senhor por 200 conversos. Em menos de quatro meses êsse número foi alcançado e ultrapassado, com batismos em Edimburgo, Glasgow e Ancrum. Daí em diante os santos chamaram aquela colina de "Colina Pratt".

BRIGHAM YOUNG VISITA LONDRES

Brigham Young, membro sênior do Conselho dos Doze, visitou Londres no outono de 1840, onde examinou o trabalho dedicado dos élderes Heber C. Kimball e Wilford Woodruff, também do Conselho dos Doze. Dentro de quatro anos élder Young encontrar-se-ia como cabeça da Igreja e diretamente responsável pela liderança de todos os santos, incluindo muitos membros britânicos, em sua marcha em direção ao oeste, para uma nova Sião. Quarenta e nove anos mais tarde élder Woodruff foi apoiado como Presidente da Igreja.

CHARLES DICKENS VISITA UM NAVIO DE EMIGRANTES MÓRMONS

Em uma "quente manhã de junho" (4 de junho de 1863), o grande novelista vitoriano, Charles Dickens, subiu a bordo do **Amazonas,** atracado nas docas de Londres, e registrou suas impressões para o seu livro, **The Uncommercial Traveler**: "Eu acho que seria difícil encontrar oitocentas pessoas juntas em qualquer outro lugar, e ver tanta beleza, e tanta fôrça e capacidade de trabalho entre elas... Eu subi ao seu navio para prestar testemunho contra elas, se o merecessem, como firmemente acreditava que mereciam; para minha grande admiração, elas não o mereciam; e minhas predisposições e tendências não me devem afetar como testemunha honesta... alguma influência extraordinária produziu um resultado admirável..."

PRESIDENTE McKAY NO TEMPLO DE LONDRES

Em 1958, o presidente David O. McKay, que havia sido missionário na Escócia 61 anos antes, retornou às Ilhas Britânicas e dedicou o Templo de Londres. Cento e vinte e um anos haviam-se passado desde que os primeiros missionários haviam pisado o solo inglês. O templo, construído para a alegria eterna daqueles que nele entrassem, foi o início da era moderna na história da Igreja nas Ilhas Britânicas, uma história que ano a ano continua a ser acrescida de capítulos inspiradores.

JEJUM E ORAÇÃO

Mariane C. Sharp

Estudando as escrituras, maravilhamo-nos diante do poder do jejum e da oração. O presidente Joseph F. Smith declarou que, se observado pelo mundo:

"...o jejum chamaria a atenção para o pecado da gula, colocaria o corpo em sujeição ao espírito, e assim promoveria a comunhão com o Espírito Santo e garantiria fôrça e poder espiritual... Como o jejum deve sempre ser acompanhado de oração, esta lei levaria o povo para mais perto de Deus." (Gospel Doctrine, 3.ª Edição, pg. 298.)

Lemos que Daniel recebeu poder e entendimento depois de prantear durante três semanas:

"Manjar desejável não comi, nem carne nem vinho entraram na minha bôca, nem me untei com óleo algum, até que passaram as três semanas inteiras.

"Então me disse: Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia, em que aplicaste o coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, foram ouvidas as tuas palavras, e por causa das tuas palavras é que eu vim." (Dan. 10:3-12)

Palavras de inspiração sôbre o jejum e seu poder, são aprendidas nas experiências dos filhos de Mosiah:

"...tinham-se entregado a muitas orações e jejuns; por isso tinham o espírito de profecia e de revelação, e quando ensinavam faziam-no com poder e autoridade de Deus." (Alma 17:3)

Experimentar alegria parece fazer parte do verdadeiro jejum, pois lemos em Doutrina e Convênios:

"...para que o teu jejum seja perfeito, ou, em outras palavras, para que o teu gôzo seja completo. Na verdade, isso é jejum e oração, ou, em outras palavras, regozijo e oração." (D&C 59:13-14)

Embora a observância do Dia de Jejum seja esboçada em detalhes, o princípio do jejum parece ser uma parte do Evangelho deixada ao critério de cada indivíduo. O indivíduo é quem deve decidir quantas vêzes deverá orar durante o jejum. Quantas vêzes uma pessoa deve jejuar, além do Dia de Jejum, também é uma questão individual.

Em doenças graves, e em momentos de grandes preocupações, entretanto, uma pessoa busca instintivamente o Senhor, em jejum e oração, pois as Escrituras falam sôbre o poder dos mesmos. O Senhor disse que não comandará em tôdas as coisas. O Presidente Joseph F. Smith declarou: "Deus se deleita no coração voluntário." (J. D. 25:59)

A pessoa que jejua deve sentir alegria. O Salvador disse:

"Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas... com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu Pai, em secreto..." (Mat. 6:18-18)

O presidente Joseph F. Smith acrescentou o comentário: "Em outras palavras, aparente ao mundo estar feliz." (J. D. 25:58)

Dando ênfase à discrição pessoal no jejum, o presidente Smith também disse:

"...lembremo-nos de que a observância do dia de jejum, com a abstinência de alimento e bebida durante vinte e quatro horas não é uma regra absoluta, uma cláusula rígida da lei, mas é deixada ao critério do povo, como uma questão de consciência, para exercer sabedoria e discrição... Mas aquêles que podem jejuar, devem fazê-lo..." (Gospel Doctrine, 3.ª Edição, pg. 306.)

Êle também disse:

"No dia santificado, deveis apenas preparar vosso alimento com singeleza de coração, para que vosso jejum seja perfeito, e vossa alegria completa. Isto é o que o Senhor chama de jejum e oração." (Ibid. pg. 308.)

O profeta Joseph escreveu, em 17 de janeiro de 1843:

"É o tempo designado pelos Doze como dia de humilhação, jejum, louvor, oração e graças diante do grande Elohim... Houve grande alegria entre o povo porque, uma vez mais, fui livrado das mãos de meus inimigos." (DHC V:252)

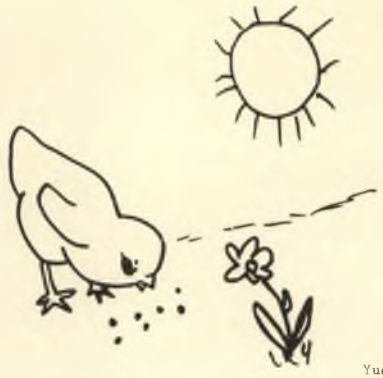
O jejum expressa ao Senhor sentimentos profundos e pessoais, orações de súplica, orações de gratidão, de graça, orações pela ajuda na preparação de um chamado especial, orações de amor, de afirmação de fé que se estende ao conhecimento.

As alegrias do jejum e da oração podem ser alcançadas. O Senhor oferece a todos um grande poder que poderá ser experimentado através do jejum e da oração, como uma bênção e uma alegria na fôrça espiritual e na luz interior.

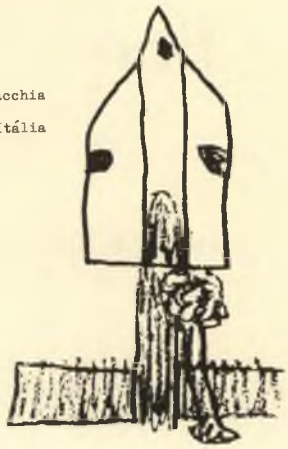
PÁGINA DAS CRIANÇAS

É maravilhoso ver como as crianças em todo o mundo estão colocando os seus talentos em bom uso. Êstes desenhos são uma prova da sua habilidade.

Stephen Lawson
9 anos
Perth, Austrália



Yuen Suk Ching
10 anos
Sham Sui Po, Hong Kong



Marco Taluacchia
10 anos
Florença, Itália

Deborah Elliott
7 anos
Gagnon, Quebec

Tang Po Ting
11 anos
Sham Sui Po, Hong Kong

So Yeun Chung
10 anos
Hong Kong

Janice Elliott
8 anos
Gagnon, Quebec

Bravo Como Um Leão

Margery S. Canon & Lurene G. Wilkinson

Joseph pensou que fôsse o Dr. Stone que estivesse batendo, até que ouviu Rebecca Perkins falar com sua mãe:

"Eu trouxe um pouco de pão de mel, Lucy. Saiu do forno agora."

"Muito obrigada, Rebecca."

"Acho que vai ajudar um pouquinho."

Joseph sabia que iria ajudar. Sua mãe estava exausta de tanto cuidar dêle e de seus irmãos e irmã.

Todos estavam com tifo. Sofrônia estava doente há três meses, e quase tinha morrido.

"Soube que Joseph ainda não se sente bem", Joseph ouviu D. Rebecca dizer.

"É. Êle tem se sentido bem mal nas últimas semanas. O tifo provocou uma ferida no seu ombro, por causa da febre. O Dr. Stone lancetou-a mas a dor desceu para sua perna e dá agulhadas como um raio. Dr. Stone abriu a perna até o osso, tentando aliviar a infecção, mas ainda está tão vermelha e inchada. . ."

"Achamos melhor convocar uma junta de cirurgiões para examinar o caso", Joseph ouviu seu pai explicar. "Estamos esperando para saber o resultado."

Esperando. Esperando tanto, pensou Joseph. Todos tinham feito tudo que podiam. Êle sabia disso. Até o seu irmão maior, Hyrum, tinha segurado a perna de Joseph, dia e noite, para ajudar a aliviar a dor. Mas a dor estava sempre lá. Joseph gritou desesperado: "Oh, pai, como posso agüentar?"

Quase no mesmo momento, o pai de Joseph lhe disse: "Os médicos estão chegando."

Rebecca murmurou um apressado bom dia enquanto Lucy levava os médicos para uma outra sala.

"Senhores, que podem fazer para salvar a perna de meu filho?"

Por um momento ninguém respondeu. Depois, um dos cirurgiões disse, tão gentilmente quanto possível:

"Não podemos fazer nada... sua perna não tem cura. A amputação é absolutamente necessária para salvar-lhe a vida."

Lucy cobriu a bôca com as mãos, como para silenciar o grito que crescia em sua garganta.

"Não! Não Joseph!" E então lembrou-se do dia em que o médico dissera que Sofrônia não sobreviveria. Êle até parara de visitá-la, pois a morte estava tão próxima! Êles haviam orado pedindo um milagre... e aconteceu. Com a cabeça escondida nas mãos, a mãe de Joseph orou novamente — pedindo outro milagre.

Quando ergueu a cabeça disse mansamente:

"Dr. Stone, o sr. não pode tentar outra vez? O sr. não deve cortar-lhe a perna sem tentar mais uma vez."

Depois de conferenciarem, os médicos decidiram tentar remover o osso afetado. Lucy foi buscar alguns lençóis para colocar embaixo da perna de Joseph, enquanto os médicos lhe contavam o que iam fazer com êle. E como não havia anestésicos para tirar a dor, os médicos disseram à sua mãe: "Traga umas cordas. Vamos amarrá-lo à cama. E traga um pouco de brandy ou vinho. A dor vai ser insuportável."

Mas Joseph recusou. Êle não queria qualquer bebida; nem seria amarrado.

"Mãe, quero que você saia do quarto. Meu pai pode suportar, mas você me carregou tanto e cuidou tanto de mim, que está exausta." Lágrimas rolavam de seus olhos. "Papai sentará na cama e me segurará em seus braços. E então farei o que fôr necessário para que o osso seja tirado."

Um dos médicos objetou. "O garoto é tão jovem! Precisará de auxílio para enfrentar isto."

Joseph segurou a mão de seu pai e puxou-o para a cama ao seu lado. "O Senhor me ajudará... eu conseguirei."

E assim, o fazendeiro passou seus braços ao redor de seu filho e abraçou-o junto ao coração.

A operação começou. Foi longa e excruciante, sem qualquer remédio para minorar a dor, sòmente seu pai a quem podia se agarrar. Em certo momento sua mãe ouviu seus gritos e correu de volta à casa.

"Ah, mamãe, volte, volte. Não quero que você entre. Tentarei ser forte se você fôr embora", êle soluçou.

Quando a crua operação terminou, Lucy permaneceu hesitante à entrada do quarto, não ousando fazer a pergunta que tremia em seus lábios. Seu marido, segurando ternamente os ombros de seu filho, olhou para ela e estendeu-lhe a outra mão.

Em um segundo Lucy atravessou o quarto, aquela mão curvando-se ao redor da sua enquanto ela se ajoelhava ao lado da cama do pequeno Joseph. Como êle parecia pequenino e pálido. Como estava quieto.

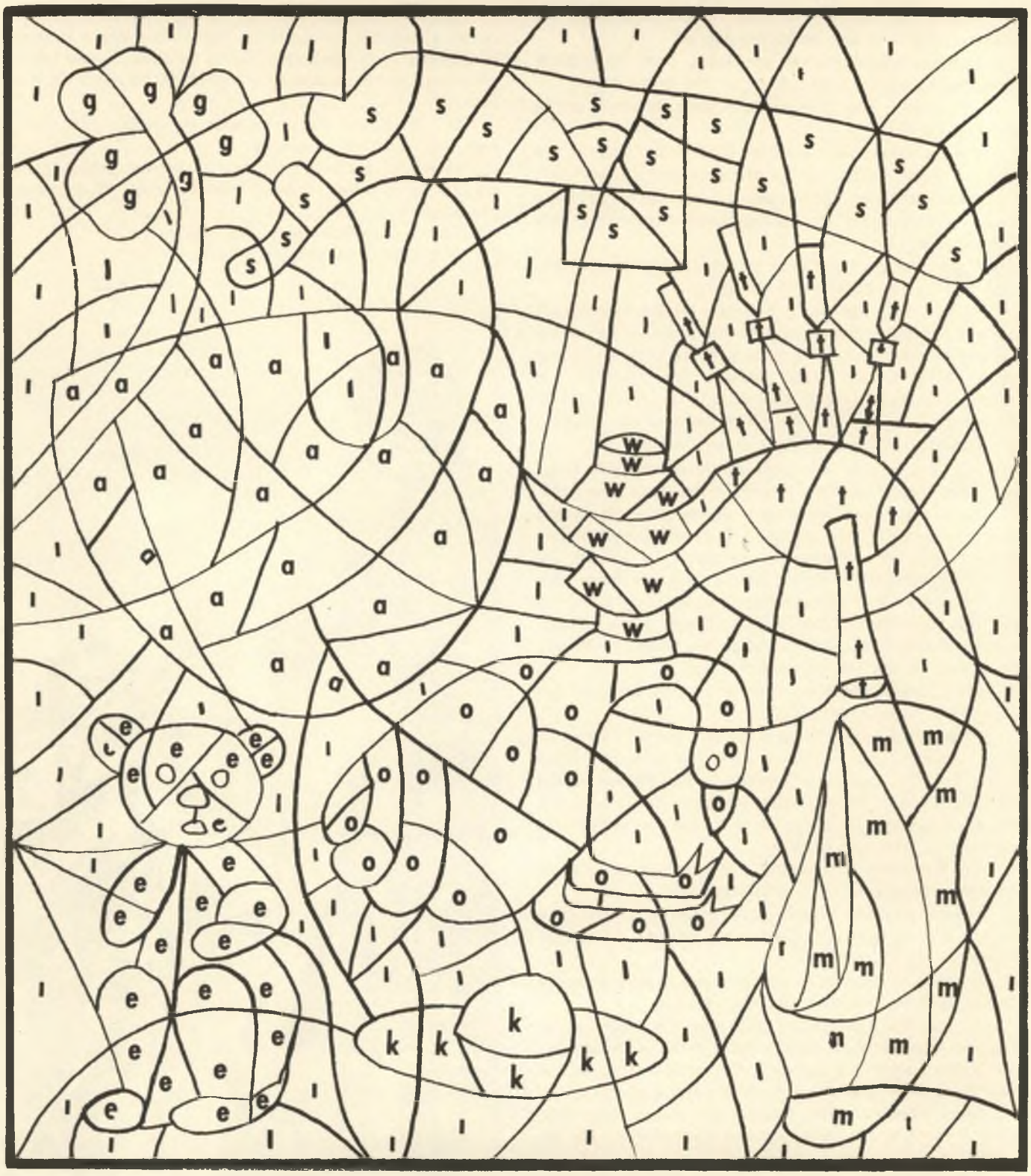
Das profundezas escuras de sua exaustão, Joseph ouviu a chegada de sua mãe, sentiu que ela o tocava, levemente, mas hesitante. Abriu os olhos, e seu firme olhar azul fêz desaparecer a ansiedade do rosto de sua mãe.

O Dr. Stone limpou o suor da testa. Está tudo bem, fêz êle com a cabeça.

O jovem Joseph sabia que o Senhor estava com êle. Suas orações tinham sido ouvidas. Sua perna iria sarar.

Tôda a sua vida seria dito dêle:

É VALENTE COMO UM LEÃO.



Neste desenho estão escondidos nove objetos de outros países. Pinte todos os espaços marcados com a letra "g" de verde, "s" de marrom, "t" de violeta, "a" de azul, "w" de alaranjado, "e" de marrom, "o" de amarelo, "k" de vermelho e "m" de verde. Agora que você terminou, pode dizer onde se encontra cada um dos objetos?

O QUE É, DE ONDE É

Maria Kay

Respostas: Trêvo, Irlanda; gôndola, Itália; iglu, Alasca; lanterna, Japão; gaita de fole, Escócia; urso, Austrália; avestruz, África; sombrero, México; tamanco de madeira, Holanda.

Conseguir que um livro tão profundo e difícil quanto a Bíblia entre para a lista dos "livros preferidos" pelas crianças de 9 e 10 anos de idade, é um desafio para qualquer professor. Mas, para alguém que coloque o coração e a inteligência na tarefa...

A Bíblia Vence

Jewel H. Elkington

A introdução do meu manual de lições diz que, como professôra, tenho três importantes obrigações para com os meus alunos:

1. ser INTERESSANTE,
2. ser CONVINCENTE e
3. ser ENTUSIASMADA.

Ter em mente êsses três pontos quando prepara cada lição, é um grande auxílio. Embora meu testemunho seja forte, e eu sinta que ensinar esta classe é um privilégio e uma oportunidade, descobri que apresentar uma lição interessante e significativa requer muito trabalho e oração. E quanto mais me esforço, mais inspiração recebo.

Uma dessas lições: "A Bíblia — Um Registro Sagrado", apresentou um verdadeiro desafio: como fazer com que um registro tão profundo e difícil quanto a Bíblia tivesse significado para um alegre grupo de crianças de 9 a 10 anos. Decidi que o melhor método seria familiarizá-las com alguns pontos culminantes específicos, e fazer com que elas tomassem conhecimento de uma pessoa da Bíblia, ao invés de tentar cobrir o vasto campo geral do seu conteúdo. Eu desejava estimular as crianças a lerem o Sagrado Livro de Escrituras, por sua própria iniciativa. Ao invés de dar-lhes tanto sorvete que elas se sentissem doentes, queria dar-lhes apenas um pouquinho, mas um pouquinho tão gostoso e especial, que elas pedissem ansiosamente por mais.

Dei a uma parte da classe designações especiais.

Primeiro, pedi a um aluno que preparasse uma história sôbre Jesus para ser usada como flanelógrafo. Depois, escrevi cartinhas a três crianças, dizendo-lhes o que desejava que elas fizessem. (Nesta idade é mais interessante receber uma carta do que um telefonema.) As designações foram:

1. Descobrir o significado da palavra "Bíblia". Dizer quais são as duas principais divisões da Bíblia e por que ela assim se divide.

2. Escolher um provérbio do Livro de Provérbios. Escolher a personagem do Velho Testamento que mais lhe agrade. Depois de ler sôbre êle ou ela, prepare-se para contar a estória à classe.

E, finalmente, para que a Bíblia se tornasse viva, arranjei para que Moisés aparecesse em pessoa e contasse a sua estória.

Isto foi conseguido com a cooperação de um marido de boa vontade, vestido com um velho cobertor como manto, um pedaço de estopa, amarrado com uma corda, cobrindo a cabeça, um pedaço comprido e escuro de fazenda colocado embaixo do manto; e descalço (êle não tinha sandálias para usar), carregando um cajado (uma grande vara encontrada no quintal). E por último, mas certamente não menos importante, vinha a sua barba branca e leve.

Na metade da aula Moisés bateu à porta e foi convidado a entrar. A expressão de surprêsa e alegria nos rostos das crianças, e a atenção que lhes prestaram enquanto êle falou, mais do que compensaram o esfôrço que eu havia despendido na preparação.

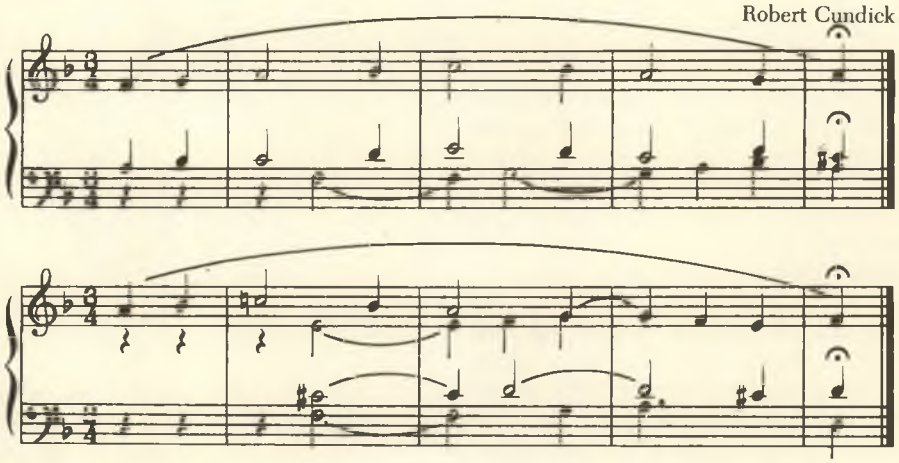
Moisés, profunda e realìsticamente, relatou alguns dos eventos de sua vida enquanto andava em obediência a todos os mandamentos que Deus lhe dera. Explicou como o Senhor lhe deu os Dez Mandamentos. Depois examinou os Dez Mandamentos com as crianças, dando ênfase a diversos dêles, especialmente à importância de honrar e obedecer aos pais terrenos e ao nosso Pai nos céus.

Para ajudar a memorização e para imprimir nas mentes das crianças alguns pontos mais importantes da Bíblia, dei a cada uma diversas coisas para levar para casa e expor, ou para colar em seus álbuns de recortes. Dei-lhes uma cópia enfeitada dos Dez Mandamentos, uma pequena figura de Moisés quebrando as placas de pedra, um marcador de livro com uma listas dos livros da Bíblia, um quadro das Bem-aventuranças e uma pequena figura do Sermão da Montanha.

Certamente outros personagens da Bíblia poderiam visitar uma classe. A idéia de um visitante especial pode ser usada ocasionalmente; mas se fôr bem executada, tornará a Bíblia viva, e ajudará a classe a pensar nesses grandes personagens como reais, e não apenas como personagens de um livro. E o que é mais importante, despertará nos alunos o desejo de ler e aprender mais sôbre as grandes verdades da Bíblia.

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais

Robert Cundick



Jóias Sacramentais

ESCOLA DOMINICAL SÊNIOR

"Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus."

(Mat. 5:8)

ESCOLA DOMINICAL JÚNIOR

"Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor."

(1 Nefi 3:7)

O
BISPO
PRESIDENTE

fala a juventude
sôbre

Arrependimento

John H. Vandenberg

O impulso dado ao programa espacial nos últimos meses foi uma grande realização técnica alcançada por grandes cérebros. A missão da Apolo-8, por exemplo, constituiu-se em grande sucesso, cientìficamente — mas também proporcionou grandes lições que podemos aplicar em nossas vidas particulares. Uma dessas lições envolve um importante conceito em orientação espacial, chamado manobra no meio do caminho. Imediatamente após ter sido a nave espacial Apolo expelida da órbita terrestre, instrumentos que se encontravam na mesma, e em estações de contrôle na Terra, começaram a medir o curso que estava sendo seguido, comparando-o com o curso que deveria ser seguido para que o objetivo da missão fôsse alcançado.

Nós temos um dom semelhante aos instrumentos de contrôle da nave espacial, que nos informa quando estamos nos desviando do caminho da retidão. Mórmon, o profeta nefita, comentou êste sistema de "contrôle". Êle disse: "...dado vos foi julgar, a fim de

. . . temos estações de rastreio vitalmente interessadas no curso da nossa vida.

que possais distinguir o que é bom do que é mau; e a maneira de julgar, para que tenhais um conhecimento perfeito, é tão clara como a luz do dia comparada com as trevas da noite.

Porque eis que o Espírito de Cristo é concedido a todos os homens, para que êles possam conhecer o que é bom e o que é mau. . . " (Moroni 7:15-16)

Assim como existem estações de rastreio na Terra, seguindo a Apolo, existem também estações de rastreio vitalmente interessadas no curso de nossas vidas. Essas estações de rastreio inclúem nossos pais, o bispo de nossa ala, a presidência do quórum, os mestres familiares, o conselheiro do quórum, professôres e outros. Estas pessoas estão colocadas estratègicamente em nossas vidas de maneira a nos ajudar a manter nosso curso em direção à exaltação.

É essencialmente importante que a menor variação no curso desejado seja corrigida imediatamente. Em nossas vidas precisamos ser sensíveis às sugestões do Espírito de Cristo; além disso, necessitamos ouvir os conselhos de pais e líderes, pois êles estão interessados no nosso sucesso.

Quando detectamos algum desvio no curso da retidão, devemos usar as provisões feitas pelo Senhor, através do seu sacrifício expiatório, para que pudéssemos executar uma manobra no meio do caminho, ou seja, uma correção. Êste processo chama-se arrependimento. É um processo pelo qual podemos levar nossas vidas de volta ao curso programado, continuando em direção ao objetivo final, que é a vida eterna.

Precisamos estar particularmente atentos a tudo que parece ser apenas um pequeno desvio — pois êsses pequenos desvios podem frustrar nossa missão inteira. O Senhor disse: "Pois eu, o Senhor, não posso encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância." (D&C 1:31)

Êle disse isto porque se dá conta do preço de um êrro, por menor que seja, ou desvio mínimo, da rota que leva à exaltação. Não podemos achar desculpas para o pecado ou êrro, sob qualquer forma, em nossas vidas. Precisamos contìnuamente verificar nossa posição no curso da exaltação, e quando necessário, devemos executar uma manobra no meio do caminho, arrependendo-nos de nossos erros e colocando nossas vidas novamente no curso correto.

Uma das maiores bênçãos que o Senhor nos deu é o poder de consertar o curso de nossas vidas. Podemos fazer isto sòmente em conseqüência do sacrifício expiatório de nosso Salvador. Êle tornou possível corrigirmos nossas vidas através do arrependimento, não sendo assim obrigatório sofrermos as eternas conseqüências de nossos desvios do caminho da retidão.

Assim como existem alguns passos necessários que devem ser seguidos para efetuar-se uma manobra no meio do caminho, também existem certas condições que devem ser preenchidas para que o arrependimento seja efetuado.

A primeira condição do verdadeiro arrependimento é ter consciência das próprias faltas e erros. O Presidente McKay disse: "Que progresso pode haver para um homem que não tem consciência de suas faltas? Tal homem perdeu o elemento fundamental do crescimento, que é a compreensão de que existe algo maior, melhor, e mais desejável do que a condição na qual se encontra atualmente. No solo da presunção, o verdadeiro crescimento recebe pouca nutrição. Suas raízes encontram maior ajuda no descontentamento.

"Os céus tenham piedade do homem que não tem consciência de uma falta!"

Segundo, deve haver tristeza pelo pecado — não apenas remorso, mas verdadeira tristeza. O apóstolo Paulo falou sôbre êste tipo de sentimento como sendo um bom sentimento. Escrevendo a alguns santos arrependidos, em Corinto, êle disse:

"Agora me alegro, não porque fôstes contristados, mas porque fôstes contristados para arrependimento; pois fôstes contristados segundo Deus, para que de nossa parte nenhum dano sofrêsseis.

"Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte." (2 Cor. 7:9-10)

Terceiro, quando temos consciência de que fizemos algo errado, e estamos verdadeiramente tristes por tê-lo feito, o passo seguinte é confessar que erramos.

O Senhor disse: "Por êste meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados — eis que êle os confessará e os abandonará." (D&C 58:43)

A quem devemos confessar nossos pecados? Em Doutrina e Convênios encontramos o seguinte: ". . . Eu, o Senhor, perdôo os pecados daqueles que os confessam perante mim e pedem perdão, se não pecaram mortalmente." (D&C 64:7)

Por essa Escritura ficamos sabendo que devemos confessar nossos pecados ao Senhor. Transgressões sérias também devem ser confessadas ao bispo, que é 'juiz comum em Israel".

Quarto, devemos tentar restituir, ou corrigir aquilo que fizemos de mal. Nosso arrependimento será significativo sòmente se nos reconciliarmos com aquêles que prejudicamos.

"Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti;

"Deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta." (Mat. 5:23-24)

Quinto, devemos permanecer no curso. Tendo feito uma manobra ou correção, não devemos repetir o êrro.

Para alcançar nosso objetivo final de exaltação, devemos controlar nosso pensamento e comportamento; e, segundo o requer a ocasião, devemos nos arrepender para que coloquemos nossas vidas novamente em curso.

Juventude da Promessa

Cinco Lembranças Que Eu Gostaria de Ter

de um Estudante Universitário

(Em 1926 a revista "Era" publicou uma confissão memorável de um estudante a respeito da necessidade que tinha da companhia do pai. Os desejos dos jovens parecem tão oportunos hoje quanto o eram então.)

1. Eu gostaria de poder me lembrar de um dia em que fomos ao circo, ou fizemos um passeio, e no qual meu pai se juntou a nós, meninos, ao invés de nos dar o dinheiro e o equipamento que necessitávamos, ficando em casa com mamãe e fazendo-nos sentir culpados por estarmos passeando enquanto êles trabalhavam.

2. Gostaria de me lembrar de uma noite em que êle se juntou a nós para cantar, ler, ou lutar, ao invés de sempre sentar-se tão calado com seu jornal diante dos olhos.

3. Gostaria de poder me lembrar de um mês, ou semana, ou mesmo um dia, em que êle tivesse transformado o trabalho enfadonho em um objetivo determinado, planejando-o conosco, ao invés de simplesmente anunciar cada manhã o trabalho que deveria ser feito naquele dia, na fazenda.

4. Gostaria de poder me lembrar de um domingo, em que êle nos colocou a todos na charrete e nos levou à Igreja, ao invés de ficar em casa quando íamos, de manhã, e de nos deixar em casa enquanto ia, à tarde, com minha mãe.

5. Gostaria de poder me lembrar de apenas uma conversa na qual discutimos juntos os problemas e fatos que perturbam todos os rapazes em idade de crescimento, quando o seu ponto de vista claro e vigoroso poderia ter lançado tanta luz e confôrto, ao invés de ter que aprender as coisas ao acaso, resolvendo meus problemas da melhor maneira que conseguia.

E, apesar de tudo isso, minha consciência gritaria envergonhada se eu o culpasse, pois nenhum homem poderia ser mais devotado à sua família, mais preocupado pelo seu bem-estar, mais orgulhoso de seu sucesso. Seu exemplo tem sido um guia para nós. Êle apenas não sabia — e é isso o que eu considero mais triste — êle apenas não sabia que nós precisávamos dêle. Êle não sabia que nós preferiríamos a sua companhia à terra que êle pudesse nos legar — que algum dia, talvez, pudéssemos ganhar dinheiro sòzinhos, mas que nunca adquiriríamos por nós mesmos as lembranças que poderiam ter enriquecido, suavizado e amoldado nossas vidas. Eu não posso ver um pai e um filho juntos, num passeio, sem sentir um nó na garganta.

A Fôrça de Dez

Ben F. Mortensen

Eu o vi sòmente uma vez — em uma reunião sacramental realizada com os soldados SUD do 15.º Regimento, 3.ª Divisão de Infantaria, durante a guerra da Coréia. Éramos 15, aglomerados em uma casamata da linha de frente. Usando os copos de nossos próprios cantis e bolachas, abençoamos e participamos do sacramento. E como aquêle era o primeiro domingo do mês, o restante do tempo foi dedicado aos testemunhos.

Êle apresentou-se simplesmente como sargento Stewart, de Idaho, e passou a relatar-nos como havia sido abençoado no mês anterior, pelo Senhor. Notei que êle era baixo — mais ou menos 1,63 m de altura — e pesava cêrca de 70 quilos, tendo braços e ombros fortes. Êle mencionou que a sua grande ambição, desde a meninice, tinha sido tornar-se um bom atleta. Os treinadores o consideravam muito pequeno para esportes de grupo, e assim êle tivera que concentrar-se em competições individuais e alcançara certo sucesso como lutador e em corridas de distância. Êle chegara à Coréia como soldado raso. Uns dez meses depois fôra promovido a sargento, cujas insígnias bem mereceu, como viemos a descobrir.

Ao prestar seu testemunho, o sargento Stewart foi movido a contar-nos sôbre o comandante da sua companhia, a quem descreveu como um homem gigantesco, chamado tenente Jackson. Media 1,98 m e pesava 120 quilos maciços, tendo sido um atleta preeminente na escola. O sargento falou sôbre êle com enorme entusiasmo, em tom um tanto exaltado, como sendo o mais valente, mais inteligente e maior comandante de companhia de tôda a infantaria dos Estados Unidos — um homem que não pediria a seus homens que fizessem algo que êle mesmo não estivesse disposto a fazer primeiro. Com evidente orgulho, êle descreveu-o ainda como um verdadeiro homem, um tremendo oficial, e um cavalheiro cristão, inspirando aquêles que tinham a sorte de servir sob o seu comando.

Alguns dias antes de nossa reunião religiosa, o sargento Stewart havia sido designado para uma patrulha. À frente da patrulha, liderando-a, estava o tenente Jackson. Na retaguarda, enquanto desciam a colina íngreme, ia o sargento. Ao se aproximarem da base da colina, foram emboscados por inimigos. O tenente, estando na frente, foi atingido de um lado pelo fogo de armas leves automáticas. Ao cair, conseguiu arrastar-se até uma árvore próxima e uma rocha, onde se abrigou, enquanto o resto da patrulha subia novamente a colina, para reagrupar-se.

Sendo o próximo em comando, a responsabilidade da patrulha caía agora sôbre os ombros do sargento Stewart. Imediatamente colocou seus homens em um perímetro de defesa, em forma de meia lua, designando o seu maior e aparentemente mais forte homem para a missão de ir salvar o tenente. Os outros o cobririam.

O homem demorou cêrca de meia hora, e quando voltou relatou que não conseguira mover o oficial ferido — êle era pesado demais. Era como tentar levantar um cavalo morto. Os homens começaram a resmungar que queriam sair dali antes que outro fôsse atingido. Ouviu-se alguém dizer: "Vamos esquecer o tenente; afinal, êle não passa de um negro!" Neste momento, o sargento Stewart virou-se para seus homens, e erguendo-se em todo o seu 1,63 m de altura, falou em tom muito positivo: "Não me importa se êle é prêto ou verde, ou de qualquer outra côr. Não vamos partir sem êle. Êle não deixaria qualquer um de nós em situação semelhante. Além disso, êle é o nosso oficial comandante e eu o amo como meu próprio irmão."

Houve um momento de silêncio, e então o sargento aproximou-se de um dos cabos e disse calmamente, mas com grande autoridade: "Você comanda — e espera por nós. Vou trazê-lo de volta."

Cuidadosamente, e no maior silêncio possível, dirigiu-se para o local onde se encontrava o tenente, entre o fogo esporádico do inimigo. Quando finalmente

alcançou-o, o tenente Jackson estava muito fraco em conseqüência da perda de sangue, e garantiu ao sargento que era um caso perdido — não haveria maneira de levá-lo de volta ao pôsto de socorro, em tempo. Foi então que a grande fé do sargento Stewart em seu Pai Celestial veio em seu socorro. Êle tirou seu capacete, ajoelhou-se ao lado de seu líder ferido, e disse: "Ore comigo, tenente."

Estávamos enfeitiçados, naquela reunião. Era como se estivéssemos presenciando um dos grandes dramas humanos de nossos dias. Um drama espiritual de amor e fraternidade, tão difícil de se encontrar hoje, desenrolava-se diante de nossos olhos. Lágrimas rolavam pela face do sargento enquanto êle falava — e nós chorávamos silenciosamente com êle. Êle não se lembrava de tudo que havia dito em sua oração, mas lembrava-se de ter chamado a atenção do Senhor para o fato de nunca em sua vida ter fumado um cigarro, ou experimentado o álcool em qualquer de suas formas.

Neste ponto êle divagou por um momento, para explicar que se abstivera de álcool e tabaco não sòmente por sua crença religiosa, mas também por sua grande motivação de desenvolver um corpo forte e sadio, para poder realizar suas aspirações atléticas. Naquele dia, entretanto, comunicando-se com seu Pai Celestial êle soubera, sem qualquer dúvida, porque obedecera à Palavra de Sabedoria tão conscienciosamente durante tôda a sua vida.

"Pai Celestial", suplicou, "preciso de fôrça — muito além da capacidade de meu corpo físico. Êste grande homem, teu filho, que está aqui ao meu lado, ferido de maneira crítica, precisa de cuidados médicos. Necessito da fôrça para carregá-lo colina acima até um pôsto de socorro, onde êle poderá receber o tratamento que precisa para preservar sua vida. Eu sei, Pai, que prometeste a fôrça de dez àquele cujo coração e cujas mãos fôssem limpos e puros. Eu sinto que posso me qualificar. Por favor, Senhor, concede-me esta bênção."

Apanhei meu comandante e coloquei-o sôbre os meus ombros.

"Irmãos", continuou êle, "enquanto orava, sentia meus músculos se encherem de energia, e soube naquele momento, como nunca tinha sabido antes, que Deus realmente ouve e responde as orações de seus filhos fiéis. Humildemente agradeci-lhe, disse amém, coloquei meu capacete, abaixei-me e delicadamente peguei meu comandante e coloquei-o sôbre meus ombros. Começamos, então, vagarosamente, a subir a colina — tenente Jackson chorando mansamente e murmurando-me palavras de gratidão e encorajamento."

Vi o sargento Stewart sòmente uma vez. Por menos de duas horas foi nosso privilégio tê-lo em nossa companhia. Pude sentir a presença de algo grandioso, enquanto estive ali, sentado, ouvindo aquêle jovem escolhido. Seu espírito tocou o meu espírito, e minha fé inflamou-se por causa de sua atitude cristã e de seu extraordinário testemunho relativo à paternidade de Deus e à fraternidade de todos os homens.

Jornada na Lua e Mensagem à Terra

G. Homer Durham
Presidente da Universidade do Arizona

Sexta-feira de manhã, no dia 27 de dezembro de 1968, a nave espacial Apolo-8 desceu no centro do Oceano Pacífico, após a primeira jornada triunfante do homem à Lua. O coronel Frank Borman, da Fôrça Aérea dos Estados Unidos, o capitão James A. Lovell, Jr., da Marinha dos Estados Unidos, e o major William A. Anders, da Fôrça Aérea dos Estados Unidos, realizaram o histórico vôo espacial, completando dez órbitas em tôrno da Lua em 24 de dezembro de 1968. A partida deu-se em Cabo Kennedy, na Flórida, em 21 de dezembro, sábado.

A noite de Natal de 1968 foi gravada na história e na memória de milhões de espectadores, que, na televisão, ouviram, diretamente da órbita lunar, a mensagem especial de Natal dos três astronautas. Foi uma mensagem muito apropriada para a Terra e todos os seus povos. Foi assim (do livro de Gênesis):

Major Anders: "No princípio criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, era sem forma e vazia; havia trevas sôbre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sôbre as águas. Disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que a luz era boa; e fêz separação entre a luz e as trevas."

Capitão Lovell: "Chamou Deus à luz Dia, e às trevas, Noite. Houve tarde e manhã, o primeiro dia. E disse Deus: Haja firmamento... Fêz, pois, Deus, o firmamento, e separação entre as águas debaixo do firmamento e as águas sôbre o firmamento. E assim se fêz. E chamou Deus ao firmamento Céus. Houve tarde e manhã, o segundo dia."

Coronel Borman: "Disse também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar e apareça a porção sêca. E assim se fêz. A porção sêca chamou Deus Terra, e ao ajuntamento das águas, mares. E viu Deus que isso era bom." (Veja Gên. 1:1-10)

Para os espectadores que tinham visto fotografias vivas da terra, na televisão, transmitida da nave espacial, e que tinha ouvido a descrição da Lua feita pelo coronel Borman ("um vasto, solitário, proibido tipo de existência"), as palavras antigas, repetidas pelos três oficiais, tiveram enorme significado.

Veio, então, a despedida do coronel Borman:

"A tripulação da Apolo-8 despede-se com um boa noite. Deus os abençoe a todos, a todos nessa boa terra."

Um pouco mais cêdo, no dia 24 de dezembro, cêrca de cinco horas após ter colocado a Apolo-8 em sua primeira órbita lunar, o coronel Borman transmitiu uma oração para ser lida na Igreja Episcopal de St. Christopher, em League City, no Texas, onde êle serve como "guia leigo". "Eu devia fazer a leitura esta noite", disse, com humor, "mas não me foi possível comparecer." A oração, disse êle, não era só para a congregação de St. Christopher, mas "para o povo de tôda parte". Esta mensagem adicional e oportuna, vinda da órbita lunar, proferida pelo coronel Frank Borman, comandante da jornada pioneira ao espaço lunar, também deve ser registrada aqui:

"Dá-no, ó Deus, a visão que possa enxergar teu amor no mundo, a despeito das falhas humanas.

"Dá-nos fé para confiar no bem, apesar de nossa ignorância e fraqueza.

"Dá-nos o conhecimento para podermos continuar a orar com corações compreensivos, e mostra-nos o que cada um de nós pode fazer para preparar a vinda da paz universal."

Haverá outras viagens à Lua. Talvez se descubra algo mais atraente do que a paisagem árida descortinada da órbita pioneira, a 100 quilômetros de altura. Haverá outras mensagens para a Terra — da Lua e de mais longe — mas poucas conterão uma fé e um significado tão profundos.

"...mostra-nos o que cada um de nós pode fazer para preparar a vinda da paz universal."

O Evangelho e o Respeito pela Autoridade

Sterling R. Provost

Os jornais, as revistas, a televisão e o rádio — todos os nossos meios de comunicação de massa — estão repletos de relatos, neste dias, sôbre insurreições, tumultos, rebeliões e oposições à lei. Êstes relatos não se limitam a qualquer grupo de idade determinado.

Diante do resultado de dezenas de tumultos, e apanhadas no redemoinho de tendências aparentemente incontroláveis, muitas pessoas na sociedade pasmam diante do que vêem, mas não sabem exatamente o que fazer para restringir êsse impulso. O que diz, então, o Evangelho, sôbre o respeito à lei e seus processos sistemáticos?

A lei é um princípio eterno. Todos os homens estão sujeitos a um certo grau de leis e regulamentos. O Senhor declarou que "a todo reino é dada uma lei: e a tôda lei pertencem certos limites e condições." (D&C 88:38)

Aqueles que se consideram invioláveis diante da lei, o Senhor afirma, inequìvocamente:

"...aquêle que é governado pela lei é também preservado pela lei e por ela aperfeiçoado e santificado.

"Aquêle que transgride a lei, e não a obedece, mas antes procura ser para si mesmo a lei, preferindo estar em pecado, e nele permanece inteiramente, êsse não pode ser santificado pela lei, nem pela misericórdia, justiça ou julgamento. Portanto, permanecerão ainda imundos.

"Todos os sêres que não se conformam a essas condições não são justificados." (D&C 88:34-35, 39)

Em certa ocasião um grupo de fariseus aproximou-se do Mestre inquirindo-o a respeito do pagamento de tributo. Como sempre o Salvador percebeu que sua intenção era armar-lhe uma cilada, e assim respondeu pedindo-lhes que trouxessem uma moeda do tributo.

"...Trouxeram-lhe um denário.

"E êle lhes perguntou: De quem é esta efígie e inscrição?

"Responderam: De César. Então lhes disse: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus." (Mat. 22:19-21)

Como distinguimos as coisas que são de César e as coisas que são de Deus? Quando e por que deve um indivíduo obedecer seu govêrno, sua Igreja, seu empregador, e outros? As respostas a estas perguntas revelam a luta contínua do espírito humano pela liberdade.

As autoridades da Igreja sempre se esforçaram para instalar nos membros o conhecimento e a convicção de que a autoridade, tanto política quanto eclesiástica, é dada ao homem para evitar a confusão.

A rebelião é uma ocorrência comum no mundo de hoje. As razões para tal comportamento, entretanto, variam. Para alguns a rebelião é uma desobediência intencional, enquanto que para outros é um desvio da rotina. Existem aquêles que se rebelam porque honestamente acreditam que uma mudança é necessária.

Entretanto, para que perpetuemos uma sociedade disciplinada, é necessário que todos nós obedeçamos certas leis. Tôdas as pessoas precisam saber que, na maioria das questões, existem padrões de conduta. Se um indivíduo sentir que seus direitos pessoais foram prejudicados, êle tem liberdade de seguir um certo procedimento que legal e legìtimamente defenderá sua causa.

Em seu discurso proferido na conferência geral de outubro de 1965, o presidente Hugh B. Brown afirmou a posição da Igreja no que se refere a obedecer, honrar e apoiar a lei:

"Infelizmente, existem entre nós hoje, aquêles que defendem a quebra da lei como meio de chamar a atenção da nação para o fato de que alguns não receberam o seu pleno benefício. Argumentam que as leis que quebram são pequenas, e que a quebra é útil e justificada porque ajuda a fazer aplicar uma lei maior. Êste raciocínio é ilusório e inconsistente com princípios cristãos. Seguir tal idéia é resolver que cada homem tem o direito de escolher que lei obedecerá e que lei violará. Nenhuma sociedade disciplinada pode ser estabelecida sôbre tal teoria. Existem meios e maneiras legais de assegurar todos os direitos humanos, e uma pessoa não promove a virtude cristã quebrando irresponsàvelmente a lei. As sementes da anarquia são plantadas nas mentes daqueles que seguem um caminho sem lei. A anarquia jamais foi o caminho de Deus, mas sim o de Satanás. Tumultos recentes em várias partes do mundo realçaram esta tendência alarmante.

Estas demonstrações fora da lei são freqüentemente instigadas... contra a autoridade, contra a disciplina, contra o govêrno disciplinado da sociedade e contra todos os símbolos de autoridade." (The Improvement Era, Vol. 68 (Dezembro de 1965), pg. 1.103.)

Evidentemente, em última análise, devemos confiar no Senhor para resolver muitas dessas lutas, pois êle prometeu: "Pois eis que não exijo que pelejem as batalhas de Sião; pois, como eu disse em mandamento anterior, assim também cumprirei — Eu lutarei as vossas batalhas." (D&C 105:14)

St. Agapet disse: "Quando vivemos habitualmente com os maus, tornamo-nos suas vítimas ou seus discípulos; quando nos associamos a homens virtuosos, tornamo-nos imitadores de suas virtudes, ou pelo menos perdemos algumas de nossas faltas."

Uma das lei mais fortes da natureza é o desejo que temos de obter a aprovação de nossos pares ou companheiros. Se um grupo possui desígnios sinistros, uma pessoa deve realizar êsses desígnios para receber a sanção do grupo. Para um discípulo da verdade, entretanto, o objetivo será merecer a aprovação de seu Pai Celestial.

Como resultado das relações que mantém, a pessoa forma hábitos duradouros, que determinarão seu próprio grau de fidelidade à Igreja. A pessoa formula seu sistema de valores quanto à cultura e refinamento, e estabelece sua relação com a sociedade, determinando a contribuição que fará para o seu melhoramento — tudo isto através da influência daqueles com quem se associa.

Provàvelmente o maior problema da sociedade de hoje seja restringir o comportamento desinibido através do estabelecimento e aplicação de contrôles. Em tôda a parte os adultos e os jovens estão igualmente insistindo em "maior liberdade". Alguns, entretanto não reconhecem em sua busca, que existe uma linha demarcatória entre o que constitui a sua liberdade, e a restrição dos direitos alheios. Em relação ao direito do homem de dissipar a si mesmo, disse o presidente McKay:

"O livre arbítrio é a fôrça propulsora do progresso. Mas com o livre arbítrio recebemos responsabilidades. Se o homem deve ser recompensado por sua retidão, e punido pela transgressão, então o senso de justiça comum exige que lhe seja dado o poder da ação independente. Se o homem fôsse coagido a fazer o bem em todos os momentos, ou se fôsse impotentemente obrigado a cometer pecado, êle não mereceria nem bênção e nem punição.

"Assim, vemos que a responsabilidade do homem opera paralelamente ao seu livre arbítrio. As ações que se harmonizem com a lei divina e com as leis da natureza trarão felicidade, e aquelas que se opuserem à verdade, miséria." (Secrets of a Happy Life, p. 154.)

Pareceria, portanto, prudente, que o homem exercesse sua liberdade dentro dos limites prescritos pelo Senhor. Entretanto, o Salvador disse ao profeta Joseph Smith que "não é próprio que em tôdas as coisas eu comande; pois o que é compelido em tôdas as coisas, é servo indolente e não sábio; portanto, não será recompensado." (D&C 58:26)

Quando perguntaram a Joseph Smith o segrêdo de governar seu povo sem coação, diz-se que êle respondeu: "Ensino-lhes princípios corretos, e êles governam a si mesmos." (Millennial Star, Vol. 13, p. 339.) Êste conceito resume o ideal do contrôle.

Como na maioria das questões, a responsabilidade de orientar seus desejos pessoais no caminho correto, e de exercer os direitos que recebeu de Deus da forma que êle tenciona que o faça, inevitàvelmente cai sôbre o individuo. Isto significa que êle deve aprender a controlar-se e a controlar seus apetites, canalizando seus esforços em atividades louváveis.

A família é a mais importante de tôdas as instituições. Ela é composta, apropriadamente, de maridos atenciosos e cumpridores de seus deveres, de espôsas sensíveis e fiéis, de filhos obedientes e respeitosos. Quanto mais elevado o padrão de vida familiar, tanto mais plenamente seus membros cumprirão suas responsabilidades uns para com os outros, para com a Igreja e a sociedade.

E porque os santos dos últimos dias não vivem simplesmente para o momento presente, mas têm em mente objetivos eternos, suas relações devem ser formadas para a eternidade. Os pais devem mostrar deferência um pelo outro e demonstrar um respeito particularmente sincero pela autoridade, tanto secular quanto eclesiástica. Um lar verdadeiramente feliz é aquêle em que a autoridade é exercida democràticamente, cabendo a liderança, entretanto, ao portador do sacerdócio. Cada membro da família tem consciência de que o seu ponto de vista será honestamente considerado antes que seja tomada uma decisão final. As diferenças de opinião podem ser compartilhadas, mas desde que uma unidade de pensamento tenha sido alcançada, ela se torna obrigatória tanto dentro quanto fora da influência do lar. Pela sua própria existência como uma unidade, a vida familiar pode tornar mais significativo o propósito da autoridade.

A autoridade não é um fim em si mesma; ela provê os meios pelos quais o homem pode realizar aquilo que terá conseqüências significativas em sua vida e na vida de outros.

O presidente Hugh B. Brown disse:

"Trazemos-lhes um desafio e uma tarefa, pois existe um grande trabalho a ser feito, grandes tarefas pela frente. O seu trabalho e o nosso é ensinar o povo a respeitar a autoridade tanto na Igreja quanto no Estado, a obedecer a lei, e a se tornar receptivo à disciplina. Devemos imbuí-lo de um sentimento de lealdade e patriotismo. Nosso povo não deve unir-se a demonstrações e marchas em desafio à lei e à ordem, nem deve unir-se a organizações cujo propósito seja solapar e pôr em dúvida a integridade de nossos líderes, sejam da Igreja ou do Estado.

"À perda de respeito pelas leis da terra, alia-se uma perda correspondente de respeito pelas leis de Deus. Sua tarefa e a nossa é educar o coração do povo. E ensiná-lo a discernir os valores, a enriquecer sua personalidade, viver abundantemente, e glorificar sua inteligência com o calor e o fulgor do amor a Deus e aos seus semelhantes." (The Abundant Life, p. 240.)

Da esquerda para a direita: Thomas H. Monson, no Conselho dos Doze; Leonel Abacherli, primeiro Patriarca da E.S.P.L.; Osiris Cabral Tavares, 1.º Cons., Hélio da Rocha Camargo, Pres., Benjamin Puerta, 2.º Cons., Eduardo Tomanik, Secr.

Estaca São Paulo Leste

realiza sua primeira conferência

A mais nova Estada brasileira teve a sua primeira conferência trimestral realizada em fins de fevereiro passado reunindo nessa ocasião uma das maiores e mais ativas congregações SUD do Brasil.

Criada a cêrca de meio ano, a nova unidade da Igreja tem experimentado um significativo progresso e fortalecimento graças a um intenso trabalho de desenvolvimento de liderança e de proselitismo. Por ocasião da primeira conferência a Estada São Paulo Leste contava com aproximadamente 4.200 membros e um elevado percentual de participação ativa nos programas da Igreja. A nova Estaca já forneceu ao campo missionário interior e exterior vários missionários brasileiros, cinco dos quais estão em franca atividade dentro e fora do país e espera-se para breve a saída de novos mensageiros evangélicos. Além dêsses missionários de tempo integral, a Missão da Estaca, sob a direção de Osíris Grobel Cabral, Paulo Roberto Puerta (ambos destacados ex-missionários) e Aleksejus Darcanovas e Geraldo Tavares, tem operação em sua área 23 missionários de tempo parcial.

O temário da conferência, dirigida pelo Élder Thomas H. Monson, do Quorum dos Doze, teve um caráter vário, cobrindo diversos aspectos dos problemas atuais que a Igreja vem focalizando. Um dos pronunciamentos trouxe ao púlpito o Patriarca recém-chamado para oficiar na Estaca, Irmão Leonel Abacherli, o qual discorreu sôbre assunto vinculados à sua função.

A Estaca São Paulo Leste está no rumo de significativas realizações e o seu desenvolvimento deverá contribuir em larga escala para o estabelecimento do reino de Deus em nossa terra.

O Sumo Conselho da E.S.P.L. reunido com a Presidência por ocasião da 1.ª Conferência

Sôbre o Não se Fazer o Bastante

Richard L. Evans
do Conselho dos Doze

Sempre que se dá ênfase à redução do trabalho e também à ociosidade, é necessário mencionar, paralelamente, as bênçãos que advêm do trabalho, o privilégio de se trabalhar, o prazer do trabalho — e as necessidades insatisfeitas de todo o mundo, assim como o descontentamento interior que sobrevem sem o trabalho. Do tempo em que as pessoas, inclusive as crianças, eram muito empurradas para o trabalho, demasiadamente cêdo, e por tempo demasiado, com prejuízo físico e mental, passamos para o extremo oposto, com os jovens freqüentemente ociosos, e impedidos de adquirirem a destreza, a competência, a utilidade, a segurança e satisfação que podem ser conseguidas sòmente através do trabalho. Fazer coisas construtivas é a lei básica da vida. Contemplai tôda a criação, com todo o seu maravilhoso funcionamento físico — a humanidade, a natureza, a chuva, o brilho do sol, o crescimento da semente, e a mente infinita que comanda tudo. Olhai para a glória e para a realização da criação — e depois olhai para a monotonia de não se fazer nada, ou de não se fazer o suficiente. "A maneira de não ser nada é não fazer nada", disse Nathaniel Howe. Homens, crianças, jovens e velhos, tornam-se frustrados, infelizes, com um incentivo pequeno pequeno ou limitado, com uma satisfação pequena ou limitada no seu trabalho. "Deus nos abençoou com o privilégio do trabalho", disse o Presidente McKay; "...o trabalho é um dom divino... muitas horas de lazer são perigosas... Aprendei a amar vosso trabalho... Aprendei a dizer: 'Isto é o meu trabalho, minha glória, e não minha ruína'." "Tem existido um sonho perpétuo sôbre o paraíso", disse Thomas Carlyle, "e sôbre uma terra luxuriosa, onde ...as árvores inclinam-se carregadas de viandas já assadas; mas foi sòmente um sonho; um sonho impossível... Não é o trabalho a herança do homem?... Sua mais alta e melhor bem-aventurança é que êle trabalhe, e saiba para o que trabalha..." "Quando olhamos para a longa avenida do futuro, e vemos quanto bem existe para fazermos", escreveu Robert Louis Stevenson, "comprendemos, afinal, quão belo é trabalhar e viver e ser feliz."